

caderno do  
**PROFESSOR**

# FILOSOFIA



ensino médio  
**3<sup>a</sup> SÉRIE**  
volume 4 - 2009



## GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador  
José Serra

Vice-Governador  
Alberto Goldman

Secretário da Educação  
Paulo Renato Souza

Secretário-Adjunto  
Guilherme Bueno de Camargo

Chefe de Gabinete  
Fernando Padula

Coordenadora de Estudos e Normas  
Pedagógicas  
Valéria de Souza

Coordenador de Ensino da Região  
Metropolitana da Grande São Paulo  
José Benedito de Oliveira

Coordenador de Ensino do Interior  
Rubens Antonio Mandetta

Presidente da Fundação para o  
Desenvolvimento da Educação – FDE  
Fábio Bonini Simões de Lima

### EXECUÇÃO

Coordenação Geral  
Maria Inês Fini

Concepção  
Guiomar Namó de Mello  
Lino de Macedo  
Luís Carlos de Menezes  
Maria Inês Fini  
Ruy Berger

### GESTÃO

Fundação Carlos Alberto Vanzolini

Presidente do Conselho Curador:  
Antonio Rafael Namur Muscat

Presidente da Diretoria Executiva:  
Mauro Zilbovicius

Diretor de Gestão de Tecnologias  
aplicadas à Educação:  
Guilherme Ary Plonski

Coordenadoras Executivas de Projetos:  
Beatriz Scavazza e Angela Sprenger

### COORDENAÇÃO TÉCNICA

CENP – Coordenadoria de Estudos e Normas  
Pedagógicas

### Coordenação do Desenvolvimento dos Conteúdos Programáticos e dos Cadernos dos Professores

Ghisleine Trigo Silveira

#### AUTORES

##### Ciências Humanas e suas Tecnologias

Filosofia: Paulo Miceli, Luiza Christov, Adilton  
Luís Martins e Renê José Trentin Silveira

Geografia: Angela Corrêa da Silva, Jaime  
Tadeu Oliva, Raul Borges Guimarães, Regina  
Araujo, Regina Célia Bega dos Santos e  
Sérgio Adas

História: Paulo Miceli, Diego López Silva,  
Glaydson José da Silva, Mônica Lungov Bugelli e  
Raquel dos Santos Funari

Sociologia: Heloisa Helena Teixeira de Souza  
Martins, Marcelo Santos Masset Lacombe,  
Melissa de Mattos Pimenta e Stella Christina  
Schrijnemaekers

##### Ciências da Natureza e suas Tecnologias

Biologia: Ghisleine Trigo Silveira, Fabíola Bovo  
Mendonça, Felipe Bandoni de Oliveira, Lucilene  
Aparecida Esperante Limp, Maria Augusta  
Querubim Rodrigues Pereira, Olga Aguiar  
Santana, Paulo Roberto da Cunha, Rodrigo  
Venturoso Mendes da Silveira e Solange Soares  
de Camargo

Ciências: Ghisleine Trigo Silveira, Cristina  
Leite, João Carlos Miguel Tomaz Micheletti Neto,  
Julio César Foschini Lisboa, Lucilene Aparecida  
Esperante Limp, Máira Batistoni e Silva, Maria  
Augusta Querubim Rodrigues Pereira, Paulo  
Rogério Miranda Correia, Renata Alves Ribeiro,  
Ricardo Rechi Aguiar, Rosana dos Santos Jordão,  
Simone Jaconetti Ydi e Yassuko Hosoume

Física: Luis Carlos de Menezes,  
Estevam Rouxinol, Guilherme Brockington,  
Ivã Gurgel, Luís Paulo de Carvalho Piassi, Marcelo  
de Carvalho Bonetti, Maurício Pietrocola Pinto  
de Oliveira, Maxwell Roger da Purificação Siqueira,  
Sonia Salem e Yassuko Hosoume

Química: Maria Eunice Ribeiro Marcondes,  
Denilse Moraes Zambom, Fábio Luiz de Souza,  
Hebe Ribeiro da Cruz Peixoto, Isis Valença de  
Souza Santos, Luciane Hiromi Akahoshi, Maria  
Fernanda Penteado Lamas e Yvone  
Mussa Esperidião

##### Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Arte: Gisa Picosque, Mirian Celeste Martins,  
Geraldo de Oliveira Suzigan, Jéssica Mami Makino  
e Sayonara Pereira

Educação Física: Adalberto dos Santos Souza,  
Jocimar Daolio, Luciana Venâncio, Luiz Sanches  
Neto, Mauro Betti e Sérgio Roberto Silveira

LEM – Inglês: Adriana Ranelli Weigel Borges, Alzira  
da Silva Shimoura, Lívia de Araújo Donnini Rodrigues,  
Priscila Mayumi Hayama e Sueli Salles Fidalgo

Língua Portuguesa: Alice Vieira, Débora Mallet  
Pezarim de Angelo, Eliane Aparecida de Aguiar,  
José Luís Marques López Landeira e João Henrique  
Nogueira Mateos

##### Matemática

Matemática: Nilson José Machado, Carlos  
Eduardo de Souza Campos Granja, José Luiz Pastore  
Mello, Roberto Perides Moisés, Rogério Ferreira da  
Fonseca, Ruy César Pietropaolo e Walter Spinelli

##### Caderno do Gestor

Lino de Macedo, Maria Eliza Fini e Zuleika de Felice  
Murrie

##### Equipe de Produção

Coordenação Executiva: Beatriz Scavazza

Assessores: Alex Barros, Beatriz Blay, Carla de  
Meira Leite, Eliane Yambanis, Heloisa Amaral Dias  
de Oliveira, José Carlos Augusto, Luiza Christov,  
Maria Eloisa Pires Tavares, Paulo Eduardo Mendes,  
Paulo Roberto da Cunha, Pepita Prata, Renata  
Elsa Stark, Ruy César Pietropaolo, Solange Wagner  
Locatelli e Vanessa Dias Moretti

##### Equipe Editorial

Coordenação Executiva: Angela Sprenger

Assessores: Denise Blanes e Luis Márcio Barbosa

Projeto Editorial: Zuleika de Felice Murrie

Edição e Produção Editorial: Conexão Editorial,  
José Genulino Moura Ribeiro, Verba Editorial e  
Occy Design (projeto gráfico)

##### APOIO

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da  
Educação

##### CTP, Impressão e Acabamento

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo autoriza a reprodução do conteúdo do material de sua titularidade pelas demais secretarias de educação do país, desde que mantida a integridade da obra e dos créditos, ressaltando que direitos autorais protegidos\* deverão ser diretamente negociados com seus próprios titulares, sob pena de infração aos artigos da Lei nº 9.610/98.

\* Constituem "direitos autorais protegidos" todas e quaisquer obras de terceiros reproduzidas no material da SEE-SP que não estejam em domínio público nos termos do artigo 41 da Lei de Direitos Autorais.

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação.  
S239c

Caderno do professor: filosofia, ensino médio - 3ª série, volume 4 / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; equipe, Luiza Christov, Paulo Miceli, Renê José Trentin Silveira. – São Paulo : SEE, 2009.

ISBN 978-85-7849-404-9

1. Filosofia 2. Ensino Médio 3. Estudo e ensino I. Fini, Maria Inês. II. Christov, Luiza. III. Miceli, Paulo. IV. Silveira, Renê José Trentin. V. Título.

CDU: 373.5:101

Caras professoras e caros professores,

Este exemplar do Caderno do Professor completa o trabalho que fizemos de revisão para o aprimoramento da Proposta Curricular de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental – Ciclo II e do Ensino Médio do Estado de São Paulo..

Graças às análises e sugestões de todos os professores pudemos finalmente completar um dos muitos recursos criados para apoiar o trabalho em sala de aula.

O conjunto dos Cadernos do Professor constitui a base estrutural das aprendizagens fundamentais a serem desenvolvidas pelos alunos.

A riqueza, a complementaridade e a marca de cada um de vocês nessa elaboração foram decisivas para que, a partir desse currículo, seja possível promover as aprendizagens de todos os alunos.

Bom trabalho!

**Paulo Renato Souza**

Secretário da Educação do Estado de São Paulo

# SUMÁRIO

**São Paulo faz escola – uma Proposta Curricular para o Estado 5**

**Ficha do Caderno 7**

**Orientação sobre os conteúdos do Caderno 8**

**Tema 1 – Distanciamentos e aproximações entre dois discursos:  
Filosofia e Literatura 9**

Situação de Aprendizagem 1 – Filosofia e Literatura 9

**Tema 2 – A Felicidade 14**

Situação de Aprendizagem 2 – A Felicidade segundo  
o estoicismo e o epicurismo 14

**Tema 3 – Felicidade e valores do mundo contemporâneo 25**

Situação de Aprendizagem 3 – Ser feliz é preciso 25

**Tema 4 – A Felicidade: Dimensão subjetiva, social e política 31**

Situação de Aprendizagem 4 – Felicidade e compromisso:  
consigo e com o outro 31

# SÃO PAULO FAZ ESCOLA – UMA PROPOSTA CURRICULAR PARA O ESTADO

Caros(as) professores(as),

Este volume dos Cadernos do Professor completa o conjunto de documentos de apoio ao trabalho de gestão do currículo em sala de aula enviados aos professores em 2009.

Com esses documentos, a Secretaria espera apoiar seus professores para que a organização dos trabalhos em sala de aula seja mais eficiente. Mesmo reconhecendo a existência de classes heterogêneas e numerosas, com alunos em diferentes estágios de aprendizagem, confiamos na capacidade de nossos professores em lidar com as diferenças e a partir delas estimular o crescimento coletivo e a cooperação entre eles.

A estruturação deste volume dos Cadernos procurou mais uma vez favorecer a harmonia entre o que é necessário aprender e a maneira mais adequada, significativa e motivadora de ensinar aos alunos.

Reiteramos nossa confiança no trabalho dos professores e mais uma vez ressaltamos o grande significado de sua participação na construção dos conhecimentos dos alunos.

**Maria Inês Fini**

Coordenadora Geral  
Projeto São Paulo Faz Escola



# FICHA DO CADERNO

## Felicidade

**Nome da disciplina:** Filosofia

**Área:** Ciências Humanas e suas Tecnologias

**Etapa da educação básica:** Ensino Médio

**Série:** 3ª

**Volume:** 4

**Temas e conteúdos:** Filosofia e Literatura  
Felicidade e Filosofia  
Felicidade e questões contemporâneas  
Felicidade e democracia

## O RIENTAÇÃO SOBRE OS CONTEÚDOS DO CADERNO

Caro Professor,

Este Caderno foi elaborado para o desenvolvimento de uma carga horária de duas horas/aula por semana, completando 16 horas/aula no bimestre. Para o currículo do Ensino Médio, previsto para o desenvolvimento de 1 hora/aula por semana, os professores poderão adequar seu planejamento, selecionando as atividades em cada uma das Situações de Aprendizagem, de acordo com as condições de sua turma e de sua escola. Preservados os objetivos educacionais da Proposta Curricular, conteúdos e competências podem ser planejados, tendo em vista o tempo, as condições cognitivas e os recursos materiais de cada unidade escolar.

Neste Caderno, propõe-se o estudo de dois temas centrais: a relação entre Filosofia e Literatura e entre Filosofia e Felicidade.

O discurso filosófico será confrontado com o discurso literário, buscando-se delimitar aproximações e distanciamentos, por meio de comparação entre os dois discursos.

Na abordagem do tema **felicidade**, serão apresentadas duas teorias: *epicurismo* e *estoicismo*, além de aspectos contemporâneos subjacentes ao assunto, como prazer a qualquer preço, imediatismo na busca da felicidade e relação com a morte. Para fechar o Caderno e as reflexões filosóficas na 3ª série do Ensino Médio, o tema felicidade é pensado

tomando-se por base as condições individuais que levam uma pessoa a ser feliz ou não e, também, algumas condições sociais que podem propiciar a felicidade. Ser feliz com o outro, essa é a perspectiva valorizada pelos autores deste Caderno para o trabalho com os estudantes da escola média.

As estratégias propostas para o desenvolvimento dos temas selecionados fundam-se nos seguintes pressupostos didáticos:

- ▶ os saberes escolares, neste caso, os saberes filosóficos, devem dialogar com os saberes elaborados cotidianamente pelos alunos, em processo de confrontos, acordos, sínteses e reelaborações de ideias;
- ▶ a experiência vivencial dos alunos e suas representações sobre os temas estudados constituem o ponto de partida no processo de aprendizagem;
- ▶ as ações propostas pela escola devem ampliar o universo cultural dos estudantes;
- ▶ pensar por questões e hipóteses e revelar pensamentos por meio de palavras escritas ou faladas são esforços fundamentais para a aproximação aos conteúdos filosóficos;
- ▶ o contato com textos filosóficos é muito importante para a construção do discurso argumentativo, reflexivo e questionador.



# TEMA 1 – DISTANCIAMENTOS E APROXIMAÇÕES ENTRE DOIS DISCURSOS: FILOSOFIA E LITERATURA

## SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 1 FILOSOFIA E LITERATURA

Nesta Situação de Aprendizagem, vamos pensar a Filosofia em comparação com a Literatura, para completarmos o ciclo de aproximações e distanciamentos que nos conduzem a um aprofundamento sobre a especificidade

da Filosofia como discurso capaz de narrar o pensamento reflexivo, não apenas sobre os temas mais relevantes da existência humana, mas, principalmente, sobre os demais discursos: literatura, ciência, religião.

**Tempo previsto:** 3 aulas.

**Conteúdos e temas:** Filosofia e Literatura; aproximações e distanciamentos.

**Competências e habilidades:** relacionar informações, representadas de formas variadas, com conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente (Enem); comparar discurso filosófico e discurso literário; aprofundar compreensão sobre o que é Filosofia em comparação com a Literatura; ler, compreender e interpretar textos teóricos e filosóficos; expressar-se por escrito e oralmente de modo sistemático; elaborar hipóteses e questões sobre leituras e debates realizados.

**Estratégias:** levantamento de hipótese sobre aproximações e distanciamentos entre Filosofia e Literatura; leitura sistemática e problematizadora de textos e elaboração escrita do próprio pensamento.

**Recursos:** texto poético; texto filosófico a respeito da leitura do discurso da Filosofia.

**Avaliação:** sugere-se que seja avaliada a capacidade de expressão clara, fluente e consistente, buscando superar o senso comum e o enfrentamento reflexivo dos alunos com as atividades propostas. Como instrumentos de avaliação, recomendam-se registros individuais; verificação das atividades do Caderno do Aluno; outros trabalhos que o professor julgar adequados e pertinentes.

### Sondagem e sensibilização

No Caderno anterior, desafiamos os estudantes a pensarem em aproximações e distanciamentos entre o discurso científico e o discurso filosófico. Neste momento, vamos pensar a distinção e a aproximação entre o discurso filosófico e a Literatura.

Como sondagem inicial, solicite a leitura do poema *Deus triste*, de Carlos Drummond de Andrade, e desafie os alunos a transformarem as ideias presentes no poema em um breve texto filosófico.

### Deus triste

Deus é triste.

Domingo descobri que Deus é triste  
pela semana afora e além do tempo.

A solidão de Deus é incomparável.  
Deus não está diante de Deus.  
Está sempre em si mesmo e cobre tudo  
[tristinfinitamente].  
A tristeza de Deus é como Deus: eterna.  
Deus criou triste.  
Outra fonte não tem a tristeza do homem.

ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: Record.  
Carlos Drummond de Andrade © Granã Drummond.  
<www.carlosdrummond.com.br>.

O conveniente, é claro, seria que eles fizessem o texto sem orientação prévia, mas, caso alguns apresentem dificuldades, pode-se colaborar com as seguintes perguntas:

- Como o poeta justifica a tristeza humana e como um filósofo escreveria essa justificativa?

- Por que é possível afirmar-se que a solidão de Deus é incomparável? Como um filósofo escreveria sobre essa constatação do poeta?

Após o exercício com o poema, peça aos alunos que realizem dois movimentos de comparação em grupo: num primeiro movimento, comparando seus textos, trocando ideias sobre a forma que encontraram para transformar o poema em um breve discurso filosófico. No segundo movimento, eles devem comparar o poema propriamente dito com seus textos: qual a diferença?

Você, professor, poderá acompanhar a reflexão comparativa de cada grupo e, ainda, se houver tempo, solicitar para que cada equipe apresente uma síntese sobre o processo de discussão.

Na aula seguinte, os alunos vão fazer a leitura do texto abaixo para responder, individualmente: *apesar da grande aproximação entre o discurso literário e o discurso filosófico, destaque uma diferença entre os dois e justifique sua resposta.*

### A leitura dos textos filosóficos

Jorge Alberto Molina<sup>1</sup>

“Queremos aqui caracterizar aquelas produções textuais que classificamos como textos de Filosofia. Num romance, como *Madame Bovary*, os personagens são seres humanos, reais ou fictícios, como Ema Bovary, Monsieur Homais, o Doctor Bovary etc. No texto filosófico, os personagens são as teses defendidas. Essas teses estão apoiadas sobre argumentos. O texto filosófico é um texto de tipo argumentativo. Mas essa é ainda uma caracterização muito geral, pois um ensaio sociológico, um editorial de jornal, um sermão, são também textos argumentativos. De maneira que essa descrição é insuficiente, a menos que precisemos, com mais exatidão, quais são os traços específicos da argumentação filosófica. O que dificulta ir além daquela caracterização muito geral é o fato de o discurso filosófico manifestar-se através de uma grande variedade de gêneros textuais diferentes<sup>2</sup>.

Antes de Sócrates, a Filosofia usou como forma de expressão a poesia, e ainda no período romano-helenístico encontramos *De rerum natura*, de Lucrécio, como exemplo de poema filosófico. Platão e também Aristóteles usaram o diálogo como veículo para expressar suas ideias. O diálogo filosófico está

presente até na Idade Moderna, lembremos por exemplo o *Diálogo sobre a conexão entre as ideias e as palavras*, de Leibniz, e os *Três diálogos entre Hílas e Filonius*, de Berkeley. As cartas têm servido como instrumento de expressão de ideias filosóficas. Podemos citar exemplos célebres como a correspondência entre Leibniz e Clark sobre a natureza do espaço e do tempo, a correspondência entre Leibniz e Arnauld sobre a noção de substância, as cartas a Lucílio de Sêneca etc. A autobiografia tem sido usada para expressar concepções filosóficas, assim *As Confissões* de Santo Agostinho e as de Rousseau. Os filósofos também se apropriaram do gênero apologético e, como mostra disso, encontramos a *Apologia de Sócrates*, de Platão, *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, e *Os pensamentos*, de Pascal. O tratado científico foi introduzido por Aristóteles como gênero textual para a expressão de filosofemas. Existem também textos filosóficos formados a partir de aforismos, como o *Tractatus*, de Wittgenstein. Face a essa grande variedade de gêneros textuais usados pelos filósofos, nos perguntamos sobre a justificativa para colocar produções pertencentes a gêneros tão diferentes sob o rótulo comum de texto filosófico.[...]

Podemos, então, afirmar o seguinte: parece difícil apontar a priori um conjunto de marcas necessárias e suficientes que outorguem uma especificidade ao texto filosófico. Não podemos definir o texto filosófico por meio de uma cláusula do tipo ‘texto filosófico é ABC, e somente aquilo que seja ABC... poderá ser chamado de texto filosófico’. No entanto, pensamos que, malgrado a impossibilidade de definir diretamente o que é um texto filosófico, podemos obter luz sobre o nosso tema, comparando o discurso filosófico com outros tipos de discursos: o científico, o jurídico, o teológico e o literário.

[...]

Diferenciar a Filosofia da Literatura é mais difícil, e tememos que qualquer critério de demarcação que seja dado entre as duas disciplinas possa ser sempre impugnado. Platão considerava que a Poesia busca comover e que a Filosofia procura a verdade<sup>3</sup>. O bom poeta, segundo ele, é aquele que sabe provocar em nós as emoções apropriadas. Aristóteles considerava o discurso poético como aquele que representa coisas fictícias como possíveis, enquanto a Filosofia é um discurso que expressa o que é, da forma que ele é. Ou, dito de outra forma, o discurso filosófico descreve como é o que existe<sup>4</sup>. Hegel considerava que a arte representa o universal sob a forma da sensibilidade, ao passo que a Filosofia representa o universal sob a forma de conceito<sup>5</sup>. Agamêmnon representa a *hybris* ou desmesura comum a vários governantes; Antígona e Creonte, o conflito entre a razão de estado e a piedade familiar; Dom Quixote, o espírito sonhador e aventureiro.

Personagens da literatura representam conceitos ou situações universais. Então, baseados naqueles três filósofos, podemos dizer que o discurso literário se diferencia do filosófico pelo fato que: I) ele busca suscitar em nós emoções; II) ele tem um caráter fictício; III) ele representa situações universais (o universal) sob a forma de um conjunto de representações individuais.”

<sup>1</sup> Doutor em Lógica e Filosofia da Ciência pela UNICAMP, professor do Departamento de Ciências Humanas e docente do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

<sup>2</sup> Estou usando a distinção entre gêneros e tipos textuais apresentada em Marcuschi (2002).

<sup>3</sup> *República X*, 605d-607d.

<sup>4</sup> “Pelo exposto se torna óbvio que a função do poeta não é contar o que aconteceu mas aquilo que poderia acontecer, o que é possível, de acordo com o princípio de verossimilhança e da necessidade” (*Poética*, 51a 36-51b 11). “Deve preferir-se o impossível verossímil ao possível inverossímil” (*Poética*, 60a 27).

<sup>5</sup> “[...] a função da arte consiste em tornar a ideia acessível à nossa contemplação, mediante uma forma sensível e não na figura do pensamento e da espiritualidade em geral [...]” Hegel (1993), p. 47.

Baseando-se na leitura e com a escolha de uma diferença, é importante que você faça uma síntese com as ideias centrais do texto, solicitando a alguns alunos que leiam suas respostas ou dúvidas. Este é um momento de fechamento sobre as principais características do discurso filosófico.

A literatura talvez seja o discurso que menos se distanciou do discurso filosófico, uma vez que poetas, romancistas e cronistas tratam as questões filosóficas como finalidade da existência humana e dramas éticos, por exemplo. Mas essa aproximação é notada também no caso dos filósofos que escolheram a literatura para abordar sua filosofia. Jean-Paul Sartre (1905-1980) é um deles, com seu romance *A náusea*, de 1938, ou sua trilogia de romances: *A idade da razão*, de 1945, *Sursis*, de 1947, e *Com a morte na alma*, de

1949. Outro filósofo que escolheu a literatura para expor seu pensamento educacional foi Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), em sua obra ficcional *O Emílio*, de 1762.

A distinção de limites entre a Filosofia e a Literatura torna-se, assim, uma tarefa complexa e delicada que não se esgota nesta Situação de Aprendizagem, cujo objetivo foi oferecer mais uma oportunidade de confronto entre diferentes modos de pensar e dizer os temas centrais da existência humana.

### Avaliação

Na última aula desta Situação de Aprendizagem, oriente os alunos a montarem um quadro-síntese, que servirá para avaliar a compreensão dos traços que marcam o discurso filosófico.

	Aproximações	Diferenças
<b>Filosofia, Mitologia e Religião</b>	A Filosofia não surge em contraposição e como algo absolutamente diferente dos mitos e discursos religiosos, mas sim baseada nestes, e em temas e preocupações predominantes no discurso religioso e nos mitos registrados em poemas, como a <i>Iliada</i> e a <i>Odisseia</i> , de Homero, e nos poemas de Hesíodo, por exemplo. Aspectos que são comuns a ambos os discursos: preocupação dos poetas de apresentar causas e motivos das ações; esforço para descrever os fatos em uma abrangência que abarca deuses, homens, terra, céu, guerra, paz, bem e mal. Preocupação dos poetas em construir narrativas para ensinar justiça como virtude fundamental. O mito e alguns discursos religiosos, assim, já contemplariam a estrutura de apresentação dos fatos e os temas valorizados pela filosofia.	O discurso nos mitos apresenta-se como uma narrativa marcada por analogias, metáforas e parábolas, ao passo que o discurso na filosofia se manifesta caracterizado por questionamentos sucessivos a cada afirmação, por fundamentação e crítica sobre o saber afirmado. As religiões, especialmente se tomarmos as religiões monoteístas, professam verdades cuja base é a fé no divino. A filosofia busca significados na ordem do humano a partir de uma reflexão que deve ser radical, rigorosa e de conjunto (conforme Demerval Saviani) e, dessa forma, questionar certezas e verdades.

<p><b>Filosofia e Ciência</b></p>	<p>A curiosidade e o conjunto de perguntas sobre a realidade que inspiram ambas as investigações;</p> <p>O esforço de explicitação de ideias que filósofos e cientistas empreendem;</p> <p>A construção de argumentação que permita a comunicação dos saberes formulados, investigados;</p> <p>A utilização de metáforas para oferecer imagens mais próximas a saberes já conhecidos no esforço de comunicação dos novos conhecimentos;</p>	<p>A Filosofia utiliza diversos gêneros textuais para expressar suas ideias: cartas, poemas, diálogos, ensaios. A Ciência utiliza ensaios, mas não poesias, diálogos ou cartas sem que passem por explicitação analítica.</p> <p>As definições dos termos em Ciência são especificadas de forma que se generalize seu significado, e em Filosofia um termo ou expressão podem ter diferentes significados a depender do contexto e da formulação argumentativa do autor. Exemplo: a palavra “átomo”, em Química, e a palavra “sujeito”, em Filosofia. É comum usarmos as expressões: o entendimento da palavra sujeito em Marx, em Foucault, em Deleuze ou em Descartes.</p>
<p><b>Filosofia e Literatura</b></p>	<p>Filosofia e Literatura abordam temas em comum; a Literatura problematiza situações do cotidiano e provoca reflexão, assim como a Filosofia.</p>	<p>Literatura: busca suscitar em nós emoções; tem um caráter fictício; representa situações universais (o universal) sob a forma de um conjunto de representações individuais.</p>

### Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão dos temas

#### Livro

MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Livro importante para se compreender as transformações em torno do conhecimento científico e filosófico, com ênfase nas necessidades contemporâneas de um conhecimento comprometido com preservação ambiental e com a construção de uma sociedade solidária e capaz de superar a

exclusão não apenas de certos grupos sociais, mas de continentes inteiros, como é o caso da África.

#### Artigo

MOLINA, Jorge Alberto. *A leitura dos textos filosóficos*. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/438/291>>. Acesso em: 13 ago. 2009. Trata-se de texto de linguagem clara e tratamento aprofundado da comparação da Filosofia com outros discursos, chamando a atenção do leitor para os desafios da leitura de um texto filosófico.

## TEMA 2 – A FELICIDADE

### SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 2 A FELICIDADE SEGUNDO O ESTOICISMO E O EPICURISMO

Nesta Situação de Aprendizagem será abordado o tema felicidade, tomando-se por base as concepções de duas correntes filosóficas do período helenístico (323 a.C. - 147 a.C.): o *estoicismo* e o *epicurismo*. Para o estoicismo, a felicidade consiste em adequar nossa vontade ao Destino, desejar apenas as coisas que dependem de nós e eliminar todas as paixões, a fim de alcançar o estado de imperturbabilidade da alma – a *ataraxia*. Para o epicurismo, a felicidade reside em afastar os medos que nos trazem infelicidade (como o medo aos deuses e à morte), descreer no destino, habituar-se a uma vida simples e buscar o prazer com prudência,

submetendo-o ao exame e à reflexão. Daí a importância da filosofia para a conquista da felicidade. Antes, porém, de entrarmos na exposição sistemática dessas duas doutrinas, faremos uma breve introdução ao tema felicidade, procurando problematizar brevemente sua definição, apenas para evidenciar a importância de que seja objeto da reflexão filosófica, como de fato o foi, uma vez que dele se ocuparam inúmeros filósofos. Nessa introdução tentaremos, também, caracterizar sumariamente o contexto histórico do helenismo, a fim de propiciar uma compreensão mais adequada do estoicismo e do epicurismo.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** introdução – a felicidade como tema da filosofia; o estoicismo e a felicidade como resignação; a felicidade segundo o epicurismo; felicidade: para além do estoicismo e do epicurismo.

**Competências e habilidades:** relacionar informações, representadas de formas variadas, com conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente (Enem); problematizar a questão da felicidade, reconhecendo a relevância de refletir de forma sistemática e rigorosa sobre ela; identificar as contribuições e os limites das concepções de felicidade abordadas (estoicismo e epicurismo), posicionando-se criticamente em relação a elas; apropriar-se das ideias principais dessas concepções e trabalhar com os princípios estudados; ler, compreender e interpretar textos teóricos e filosóficos; expressar-se por escrito e oralmente de forma sistemática; elaborar hipóteses e questões sobre leituras e debates realizados.

**Estratégias:** levantamento das opiniões dos alunos sobre o problema da felicidade; discussão em grupo das questões levantadas nas aulas; leitura sistemática e problematizadora de textos e elaboração escrita do próprio pensamento; pesquisa bibliográfica complementar.

**Recursos:** internet, caso a escola conte com esse recurso; bibliografia complementar.

**Avaliação:** sugerimos que sejam avaliados o domínio pelos alunos do conteúdo estudado (conceitos, ideias, raciocínios etc.); a sua capacidade de expressão clara, fluente, coerente, coesa, bem articulada e consistente (bem fundamentada, buscando superar o senso comum); e o seu efetivo envolvimento nas atividades propostas. Como instrumentos de avaliação, recomendam-se dissertações individuais; provas dissertativas e reflexivas; verificação das atividades do Caderno do Aluno; participação em sala; e outros que o professor julgar pertinentes.



## Sondagem e sensibilização

Esta sondagem será feita na primeira aula, com a apresentação aos alunos de algumas perguntas a serem trabalhadas em grupo e cujo objetivo é trazer à tona as concepções de felicidade que eventualmente possuam e que, neste momento, ainda se encontram no nível do senso comum. As perguntas sugeridas são as seguintes:

- ▶ O que é felicidade para você? Dê uma definição.
- ▶ O que é preciso para ser feliz no mundo de hoje?
- ▶ Você se considera feliz? Por quê?

Em seguida, ainda como forma de sondagem, apresentamos três frases que retratam ideias comuns sobre a felicidade, a saber:

- ▶ Felicidade não existe. Só existem momentos felizes.
- ▶ O dinheiro não traz felicidade.
- ▶ A felicidade está dentro de cada um de nós.

Pretende-se, com isso, iniciar o processo de questionamento do senso comum sobre a questão da felicidade, “destruindo” algumas certezas e preparando o caminho para o estudo ulterior. Ao fechar este momento de motivação inicial, vamos ler um texto introdutório (reproduzido a seguir) com o objetivo principal de contextualizar as doutrinas do estoicismo e do epicurismo. Tal contextualização é fundamental para que o aluno compreenda as razões pelas quais temas como esse se tornaram tão relevantes e centrais naquele momento histórico.

### A felicidade como tema da Filosofia

Se há algo nesta vida que todos, sem exceção, desejamos, sem dúvida, é ser feliz. Quem nunca se perguntou: O que é a felicidade? O que é preciso para alcançá-la? Ela existe realmente, ou podemos ter apenas momentos felizes?

Se procurarmos no dicionário, veremos que a felicidade é identificada com o “estado de uma consciência plenamente satisfeita; satisfação, contentamento, bem-estar”<sup>1</sup>. Mas será que basta para ser feliz satisfazer a consciência? O “bem-estar” a que se refere a definição acima não implica, também, outros níveis de satisfação, como, por exemplo, a das condições materiais básicas, necessárias a uma vida digna e confortável? O *Dicionário básico de filosofia*<sup>2</sup> parece ampliar um pouco a noção de felicidade, concebendo-a como: “Estado de satisfação plena e global de todas as tendências humanas”. Como, porém, atingir tal grau de satisfação? Isso é possível?

Desse modo, a questão da felicidade não é tão simples como à primeira vista pode parecer. Enfrentá-la exige reflexão cuidadosa, sistemática, profunda e crítica, ou seja, exige a ajuda da Filosofia. E, de fato, ao longo da história da Filosofia ela foi objeto da preocupação de inúmeros pensadores, que, instigados por questões como as enunciadas acima, se aventuraram a apontar alguns caminhos que, na visão deles, poderiam levar à felicidade.

Nesta Situação de Aprendizagem, vamos estudar duas correntes filosóficas que se ocuparam desse tema – o estoicismo e o epicurismo – e que surgiram em um mesmo momento histórico: o período romano-helenístico. Elas foram escolhidas em virtude de estarem entre as que exerceram e continuam a exercer grande influência sobre nossa cultura, contribuindo significativamente para a formação das ideias que temos acerca da felicidade. Para compreendê-las melhor, porém, é importante recordar brevemente o que foi esse período histórico.

Tradicionalmente, o helenismo foi o processo de fusão da cultura grega com a dos povos orientais, com predomínio da primeira sobre a última, fusão esta propiciada pelas conquistas de Alexandre Magno. Esse processo teve início com a tomada da Grécia pela Macedônia, no século IV a.C., marcando o fim da época clássica.

Do ponto de vista político, a principal consequência da invasão macedônica foi a dissolução da *pólis*, isto é, da cidade-estado grega, que, pouco a pouco, foi perdendo sua autonomia. Antigas instituições, como a assembleia dos cidadãos e a democracia ateniense, deixaram de existir. Não havia mais espaço para a participação ativa dos cidadãos nas decisões mais importantes da vida da população. A rigor, não havia mais cidadãos, no sentido pleno da palavra, mas apenas “súditos” de um monarca estrangeiro. As cidades outrora soberanas eram, agora, subjugadas por uma potência invasora.

No século II a.C. foi a vez de Roma conquistar a Grécia, transformando-a em província do Império Romano e subtraindo-lhe definitivamente a liberdade.

Nesse contexto tumultuado, de decadência da *pólis* e dos valores políticos e morais tradicionais, de perda da liberdade, de sincretismo e de conflitos culturais causados pelo contato com outros povos de tradições e crenças diferentes, de insegurança constante provocada pela dominação estrangeira, de medo da morte iminente, enfim, neste ambiente de crise generalizada, era natural que a Filosofia também sofresse significativas transformações, mudando o foco de suas preocupações.

De fato, no período clássico a política era um dos temas centrais da reflexão filosófica. Basta lembrar a importância fundamental que ela tivera para Sócrates, Platão e Aristóteles, que se ocuparam de questões de natureza essencialmente política, tais como: “Qual a melhor forma de governo?”; “O que é uma cidade justa?”; “Quais as virtudes que devem prevalecer na *pólis*?”; “Como deve ser a educação dos cidadãos?”; “Que papel cumprem as leis?” No helenismo, por outro lado, os assuntos políticos são postos de lado, cedendo lugar às questões da vida privada e interior de cada indivíduo, especialmente aos problemas morais. Agora, o que se espera da Filosofia é que ela aponte caminhos (por exemplo, por meio da indicação de regras morais práticas) para a eliminação do sofrimento humano e para a conquista da felicidade, ambos, sofrimento e felicidade, entendidos como problemas meramente individuais, subjetivos.

Assim, a felicidade passa a ser um tema central da Filosofia, como resultado das condições impostas pela nova realidade social, política e cultural vivida pelos gregos naquele momento histórico.

<sup>1</sup> *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

<sup>2</sup> JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 104.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Encerrando esta primeira aula, propomos ainda uma atividade em grupo, na qual solicitamos ao aluno que explique *as razões que levaram à mudança de eixo na reflexão filosófica no período helenístico e que diga se considera que a filosofia pode contribuir para o enfrentamento do problema da felicidade*. No primeiro caso, o objetivo é que ele perceba a vinculação entre essa mudança e as transformações ocorridas na

sociedade grega, em virtude da ocupação macedônica. No segundo, que se posicione livremente sobre a pergunta apresentada, a fim de verificar, ao término da Situação de Aprendizagem, se essa opinião sofre alteração significativa.

Ao concluir esta primeira aula, espera-se que os alunos tenham percebido que a questão da felicidade não é tão simples, como à



primeira vista pode parecer, e que eles necessitam de estudos mais aprofundados para se posicionar com mais consistência em relação a ela.

Na segunda aula vamos nos dedicar ao estudo do estoicismo. Inicialmente, com o intuito de abordar elementos familiares aos alunos (do senso comum), propomos que se discuta em grupos uma frase de um texto bastante divulgado e conhecido, a *Oração da serenidade*. O aluno deverá analisá-lo cuidadosamente e responder às seguintes questões:

- ▶ Há coisas que não podemos modificar e há coisas que podemos? Quais são?
- ▶ Como podemos distinguir umas das outras?
- ▶ O que significa aceitar com serenidade as coisas que não podemos modificar?

O fragmento da oração é o seguinte:

“Concede-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar as que eu posso e sabedoria para distinguir umas das outras.”

Frase atribuída a Reinhold Niebuhr.

Feito isso, começamos com o estudo mais sistemático do estoicismo por meio do texto intitulado “O estoicismo e a felicidade como resignação”, disponível no Caderno do Aluno e reproduzido abaixo. Trata-se de um texto sintético, que procura destacar algumas das ideias mais importantes sustentadas por essa corrente filosófica acerca da felicidade, a fim de permitir aos alunos um primeiro contato com tais ideias. Certamente seria desejável que você, professor, acrescentasse outros elementos que levassem a um aprofundamento, bem como indicasse aos alunos outras fontes de consulta e de estudo.

### O estoicismo e a felicidade como resignação

O nome estoicismo vem do termo grego *stoa*, que significa “pórtico”. Isso porque Zenão de Cício, fundador dessa escola filosófica, costumava ensinar nas proximidades do Pórtico de *Poikilé* (o qual fora ornamentado pelo pintor Polignoto), em Atenas.

Trata-se de uma corrente de pensamento que se entendeu do século IV a.C. ao século II d.C., e que repercute até os dias atuais.

Deixando de lado algumas diferenças entre eles, podemos dizer que, de um modo geral, para os estoicos existe uma Razão Divina (o Logos, ou Deus) que rege todo o universo, imprimindo-lhe uma ordem necessária (isto é, que não pode ser de outro jeito) e perfeita. Este Logos, ou Deus, entretanto, não é um ser pessoal e transcendente que existiria em algum lugar fora do mundo e de onde exerceria seu governo sobre a natureza e os seres humanos. Antes, trata-se de um deus imanente, ou seja, inseparavelmente integrado ao mundo físico e material. Daí a ideia do estoicismo de que Deus está em tudo, Deus é tudo. É a doutrina do panteísmo, segundo a qual Deus e o universo são concebidos como realidades intrinsecamente entrelaçadas ou mesmo como “uma única realidade integrada”<sup>1</sup>.

Ora, se a ordem do universo é regida por um Deus imanente, e se esse Deus é identificado com o Logos, isto é, com a Razão, pode-se concluir que há no universo (que está repleto do Deus-Logos) uma ordem racional que é necessária e perfeita. Em outras palavras, as coisas são (e não poderiam deixar de ser) como a Razão Divina quer que elas sejam. Por isso, elas são precisamente como devem ser e como é bom que sejam. Se um determinado acontecimento – por exemplo uma doença – visto isoladamente

parece sinal de imperfeição ou irracionalidade, tomado em sua articulação com o todo vemos que, na realidade, contribui para a realização da perfeição desse todo.

Há, portanto, no estoicismo certa noção de Providência Divina, embora não no sentido de uma providência transcendente, praticada por um Deus pessoal, como no cristianismo, por exemplo. A providência dos estoicos assemelha-se mais à ideia de Destino, no sentido de que, se tudo deriva do Logos Divino, então tudo é necessário, ou seja, tudo é como deve ser, sem qualquer possibilidade de que seja de outro jeito. E é bom que seja assim, visto que a origem, em última instância, está em Deus, na Razão Divina.

Mas, se tudo é necessário, como fica a liberdade humana? Para os estoicos a verdadeira liberdade, aquela praticada pelos sábios, consiste em adequar a vontade ao Destino, desejando aquilo que ele prepara para cada um. Afinal, se o Destino é obra da Providência Divina e se Deus é o Logos, então desejar o que o Destino traz é o mesmo que se deixar guiar pela Razão Divina. E isso é sabedoria.

Essa é a chave para a felicidade, segundo o estoicismo. Se desejarmos algo que seja contrário ao nosso Destino e que, portanto, não poderemos alcançar, certamente ficaremos frustrados e infelizes. Por outro lado, se conformarmos nossa vontade a ele, desejando apenas o que efetivamente está ao nosso alcance, nossas chances de felicidade serão muito maiores.

A felicidade, para o estoicismo, consiste também em buscar o bem, isto é, a virtude, e evitar o mal, ou seja, o vício. Bem e mal, portanto, são entendidos num sentido puramente moral. As coisas relativas ao corpo, independentemente de serem nocivas ou saudáveis, não são em si boas nem más, mas indiferentes. Como explica Zenão:

“Os entes dividem-se em bons, maus e indiferentes. Bons (os bens) são os seguintes: inteligência, temperança, justiça, fortaleza e tudo aquilo que é virtude ou participa da virtude. Maus (ou males) são os seguintes: idiotice, dissolução, injustiça, vileza e tudo aquilo que é vício ou participa do vício. Indiferentes são: a vida e a morte, a celebridade e a obscuridade, a dor e o prazer, a riqueza e a pobreza, a doença e a boa saúde, e coisas semelhantes a estas.”<sup>2</sup>

Além disso, como diz Epicteto, a felicidade também está ligada à nossa capacidade de discernir entre as coisas que dependem de nós e as que não dependem, buscando apenas as primeiras e permanecendo indiferentes em relação às segundas. Caso contrário, seremos infelizes, pois não temos poder algum sobre as coisas que não dependem de nós. Nas palavras do autor:

“Sob nosso controle estão as nossas opiniões, aspirações, desejos e as coisas que nos causam repulsa ou nos desagradam. Essas áreas são justificadamente da nossa conta, porque estão sujeitas à nossa influência direta. Temos sempre a possibilidade de escolha quando se trata do conteúdo e da natureza de nossa vida interior.

Fora do nosso controle, entretanto, estão coisas como o tipo de corpo que temos, se nascemos ricos ou se tiramos a sorte grande e enriquecemos de repente, a maneira como somos vistos pelos outros ou qual é a nossa posição na sociedade. Devemos lembrar que essas coisas são externas e, portanto, não dependem de nós. Tentar controlar ou mudar o que não podemos só resulta em aflição e angústia.

Lembre-se: as coisas sob nosso poder estão naturalmente à nossa disposição, livres de qualquer restrição ou impedimento. As que não estão, porém, são frágeis, sujeitas a dependência ou determinadas pelos caprichos ou ações dos outros. Lembre-se também do seguinte: se você achar que tem domínio total sobre coisas que estão naturalmente fora do seu controle, ou se tentar assumir as questões de outros como se fossem suas, sua busca será distorcida e você se tornará uma pessoa frustrada, ansiosa e com tendência para criticar os outros.”<sup>3</sup>

A felicidade, segundo os estoicos, exige também que adotemos uma atitude de apatia em relação às paixões, pois essas, em geral, são causa de perturbação e infelicidade para nossa alma. Sentimentos

como medo, dor, piedade, inveja, ciúme, aflição, ansiedade, cobiça, raiva, amor (especialmente quando não correspondido), ódio, volúpia, entre outros, nos aprisionam, nos atribulam e nos impedem de ter paz de espírito. Suprimi-los, portanto, é a atitude do sábio e o caminho para a ataraxia, isto é, o estado de imperturbabilidade da alma necessário à conquista da felicidade.

Em suma, a felicidade estoica consiste em não desejar mais do que se pode ter, conformar-se com o Destino, discernir entre as coisas que dependem e as que não dependem de nós, tornando-nos indiferentes a essas últimas, e renunciar às paixões que são causa de dor e sofrimento. É, pois, uma disposição da vontade individual. Sou eu quem decide ser feliz, disciplinando meus desejos através de minha razão. Trata-se, portanto, de uma concepção idealista da felicidade, que desconsidera a influência de fatores externos que a determinam e que, por isso mesmo, conduz ao conformismo, à resignação, à apatia. Num contexto de tantas turbulências, como foi o do helenismo, compreende-se por que os preceitos do estoicismo lograram tamanha aceitação, sobrevivendo com vigor até os nossos dias.

<sup>1</sup> *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

<sup>2</sup> Zenão, fragmento 38-39. In: REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. v. 1. São Paulo: Paulus, 2004. p. 296.

<sup>3</sup> EPICETETO. *A arte de viver: uma nova interpretação de Sharon Lebell*. Tradução Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 14.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Consideramos importante destacar desse texto os seguintes aspectos: a origem do nome estoicismo; os períodos em que a história da escola se dividiu; a ideia de que existe uma Razão Divina (o Logos, ou Deus) que rege todo o universo, imprimindo-lhe uma ordem necessária (isto é, que não pode ser de outro jeito), racional e perfeita; a noção estoica de providência imanente, que difere da que temos nos dias atuais; a noção de liberdade como adequação da vontade ao Destino; a relação entre a felicidade e a capacidade de discernir entre as coisas que dependem de nós e as que não dependem, ao optar pelas primeiras e permanecer indiferentes em relação às segundas; a importância e o papel da apatia na busca da felicidade; o caráter idealista e conformista da felicidade estoica, bem como o significado político de suas teses.

Concluído o trabalho com o texto, propomos algumas questões para serem debatidas em grupo, com o intuito de ajudar na fixação do conteúdo estudado e na ampliação da reflexão. São elas:

- ▶ Quais são as recomendações do estoicismo para a conquista da felicidade? Você concorda com elas? Justifique.
- ▶ Você considera que coisas como a morte, a saúde, a doença, a beleza, a feiura, a riqueza, a pobreza, a escravidão e a liberdade estão entre as que não dependem de nós? Justifique.
- ▶ Você reconhece traços do estoicismo na *Oração da serenidade*, apresentada anteriormente? Explícite-os.
- ▶ Indique pelo menos uma situação do cotidiano que possa ser interpretada à luz do estoicismo.
- ▶ Analise o texto a seguir e identifique nele os traços de estoicismo. Você concorda com o preceito por ele expresso? Justifique.

“Não exijas aconteça como tu desejas aconteça. Antes queiras aconteçam as coisas como acontecem – e quão feliz, então, não serás tu!”

EPICETETO, *Manual de Epicteto: máximas, diatribes e aforismos*. Lisboa: Vega, 1992. p. 29.

A terceira aula desta Situação de Aprendizagem terá como tema o epicurismo. Mais uma vez iniciamos com uma atividade que pretende problematizar o senso comum dos alunos a respeito de alguns temas caros ao epicurismo e que serão trabalhados de forma sistemática no texto a seguir. Trata-se de uma dinâmica de grupos na qual os alunos devem debater e responder às seguintes questões:

- ▶ Você tem medo da morte? E de Deus? Justifique.
- ▶ Caso tenha esses medos, acredita que eles são obstáculos à sua felicidade? Por quê?

- ▶ Para você, que papel tem o prazer na conquista da felicidade?

Finda a discussão, sugerimos a leitura do texto “A felicidade segundo o epicurismo”, como forma de introdução ao estudo da concepção de felicidade dessa doutrina. Nesse caso, a principal fonte consultada foi a *Carta a Meneceu*, ou *Carta sobre a felicidade*, de Epicuro. Novamente vale lembrar que sempre é desejável que você, professor, acrescente outros elementos e proponha outras fontes bibliográficas, com a finalidade de oferecer ao aluno oportunidade de aprofundamento do estudo.

### A felicidade segundo o epicurismo

Epicuro (341-270 a.C.) nasceu na ilha grega de Samos, mas passou boa parte de sua vida em Atenas, onde fundou uma escola filosófica, mais tarde denominada epicurismo. A escola funcionava no jardim de sua casa e, por isso, ficou conhecida como “Jardim de Epicuro”.

Uma de suas principais preocupações era com a questão da Felicidade. Em sua famosa *Carta a Meneceu*, ou *Carta sobre a felicidade*, ele nos oferece alguns ensinamentos para que a alcancemos e a conservemos ao longo de nossas vidas.

Logo de início, ele enaltece a utilidade da filosofia para a obtenção da “saúde do espírito”, isto é, da felicidade. Isso porque é filosofando que aprendemos a distinguir entre as coisas que dela nos aproximam e as que dela nos distanciam, optando pelas primeiras e evitando as segundas. Diz o autor:

“Que ninguém hesite em se dedicar à Filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à Filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz.”<sup>1</sup>

Em seguida, Epicuro faz algumas recomendações para quem deseja ter uma vida feliz. Em primeiro lugar, é preciso afastar as falsas opiniões que, em geral, temos sobre os deuses e que nos levam a temê-los, pois esse temor também é causa de infelicidade. Por exemplo, a crença de que “eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons”<sup>2</sup>. Para o autor, os deuses existem realmente, são imortais e bem-aventurados, mas vivem num mundo supra-humano e em nada interferem em nossa vida, nem para nos socorrer nem para nos castigar. Por isso, não há motivos para temê-los. Pela mesma razão, preces, sacrifícios e louvores são inúteis e desnecessários.

Em segundo lugar, temos de nos libertar do medo da morte, outro obstáculo à nossa felicidade. E, de fato, segundo Epicuro, não há por que temê-la, pois não temos como saber se ela é um bem ou um mal. Ora, sabemos se uma coisa é boa ou ruim pelas sensações que ela nos provoca. A morte, porém, nada mais é do que a ausência de toda e qualquer sensação. Portanto, a morte para nós não é nada. Na realidade, nunca a encontraremos, pois enquanto estamos vivos ela está ausente e, quando ela chegar, nós é que não estaremos presentes, já que não teremos mais nenhuma sensação. É tolice, portanto, nos angustiarmos pela espera da morte, pois “aquilo que não nos perturba quando presente não deveria afligir-nos enquanto está sendo esperado”<sup>3</sup>. Essa consciência de que a morte nada significa para nós é importante, para que aproveitemos melhor a vida enquanto a temos e sejamos felizes no momento presente. Essa é a atitude do sábio, que nem desdenha a vida (como se ela fosse um fardo insuportável) nem se apega a ela em demasia (a ponto de desejar a imortalidade), mas que sabe vivê-la bem enquanto

ela dura. “Assim”, diz Epicuro acerca do sábio, “como opta pela comida mais saborosa e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve”<sup>4</sup>.

Em terceiro lugar, Epicuro recomenda que não acreditemos no destino e na sorte, como se deles dependesse nossa felicidade, pois essa crença também pode ser motivo de perturbação de nossa alma: “Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem tolamente nosso nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais”<sup>5</sup>.

Em quarto lugar, precisamos, também, para ser felizes, conhecer bem os nossos desejos e direcionar nossa escolha para aqueles que contribuem para “a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz”<sup>6</sup>. O critério dessa escolha é, em última instância, a distinção entre prazer e dor. De fato, para Epicuro, a principal finalidade da vida humana é o prazer. Mas não se trata de qualquer prazer:

“Há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm efeitos o mais das vezes desagradáveis; ao passo que consideramos muitos sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser sempre evitadas. Convém, portanto, avaliar todos os prazeres de acordo com o critério dos benefícios e dos danos.”<sup>7</sup>

Além disso, como nem tudo o que desejamos está ao nosso alcance, devemos aprender a extrair prazer daquilo que temos, das “coisas simples e fáceis de obter”<sup>8</sup>, em vez de sofrer pela falta daquilo que não podemos ter. É o que Epicuro chama de “autossuficiência”. Para ele: “Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que se remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita”<sup>9</sup>.

O prazer, portanto, para Epicuro não se confunde com a busca irrefletida e desenfreada do “gozo dos sentidos”; trata-se, antes, do prazer entendido como “ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma”<sup>10</sup>, único capaz de nos proporcionar a verdadeira felicidade. Nas palavras do autor:

“Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos.”<sup>11</sup>

Portanto, o prazer, para ser de fato fonte de felicidade, precisa ser buscado com “prudência”, que, para Epicuro, é o “supremo bem”, a primeira de todas as virtudes.

Ora, nada melhor do que a Filosofia para nos ajudar a empreender esse “exame cuidadoso” que nos permite distinguir entre as coisas que verdadeiramente nos trazem prazer e as que nos provocam dor e viver segundo a prudência. Eis, portanto, a importância fundamental da Filosofia para a conquista da felicidade, segundo Epicuro.

<sup>1</sup> EPICURO, *Carta sobre a felicidade – a Meneceu*. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. p. 21.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 25.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 29.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 31.

<sup>5</sup> *Idem*, p. 33.

<sup>6</sup> *Idem*, p. 35.

<sup>7</sup> *Idem*, p. 39.

<sup>8</sup> *Idem*, p. 47.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 41.

<sup>10</sup> *Idem*, p. 43.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 45.

Para complementar o estudo do texto, vamos propor duas atividades. Na primeira, apresentamos algumas situações cotidianas hipotéticas, pedindo aos alunos que respondam às seguintes perguntas:

1. Como as situações se relacionam com a doutrina de Epicuro? Justifique.
2. Você concorda com as atitudes tomadas em cada uma delas? Por quê?

As situações propostas são as seguintes:

- a) Uma pessoa é diabética e, por isso, abstém-se de comer doces.
- b) Os encarcerados decidem fazer greve de fome para chamar a atenção da população e das autoridades para o problema da superlotação da penitenciária.
- c) O jovem deixa de viajar com os amigos no feriado prolongado para estudar para o vestibular.
- d) O pai desempregado corta gastos supérfluos para garantir o que é básico para a sobrevivência da família.
- e) A jovem diz não ao namorado por ele insistir em não usar preservativo.

Na segunda atividade, pedimos ao aluno que descreva uma situação vivida ou presenciada por ele e na qual tenha ocorrido a privação deliberada de um prazer, a fim de evitar um sofrimento ou de alcançar um prazer ainda maior. Ele deve dizer se concorda com essa atitude e justificar sua posição. A ideia é fazê-lo pensar sobre o fato de que os princípios epicuristas estão presentes em nosso cotidiano e, por vezes, orientam nossas ações e escolhas.

Obviamente, professor, você pode e deve propor outras atividades que julgar mais

adequadas à realidade dos alunos. O importante é que eles demonstrem compreensão do conteúdo estudado por meio da análise dessas situações. Depois de comentarem essas afirmações, eles deverão descrever outra situação, extraída de sua própria experiência de vida, retratando a privação deliberada de um prazer, a fim de evitar um sofrimento ou de alcançar um prazer ainda maior. Após descrevê-la, os alunos deverão posicionar-se em relação a ela e justificar a posição assumida.

A outra atividade, sugerida para ser feita em casa, é composta de duas questões e uma pequena pesquisa. As questões são as seguintes:

1. Resuma em poucas palavras os conselhos de Epicuro para se alcançar a felicidade.
2. Que papel Epicuro atribui à Filosofia na busca da felicidade? Você concorda com ele? Justifique.

No caso da segunda questão, é também uma ocasião para que os alunos reflitam sobre a resposta que deram à pergunta: *Você considera que a filosofia pode contribuir para o enfrentamento do problema da felicidade? Justifique*, realizada anteriormente. O principal objetivo dessas questões é reforçar o entendimento do texto e procurar favorecer a apropriação do conteúdo estudado e a reflexão sobre o tema felicidade.

Como pesquisa, solicite aos alunos que escolham uma música que melhor retrate a sua concepção de felicidade. Eles devem transcrever a letra em seu caderno e levá-la para a aula seguinte para discutir com seus colegas.

## Propostas de Questões para Avaliação

Sabemos que é você, professor, quem tem as melhores condições de saber quando e como avaliar seus alunos. De todo modo, vamos apresentar a seguir algumas sugestões como contribuição.



Se julgar conveniente, as atividades desenvolvidas ao longo das aulas podem servir de instrumentos de avaliação para verificar se as competências e habilidades esperadas foram satisfatoriamente desenvolvidas.

Caso considere necessário acrescentar outras, uma possibilidade seria elaborar um questionário voltado para a verificação da compreensão e da apropriação das ideias centrais das duas correntes filosóficas estudadas. Nesse caso, as perguntas poderiam ser as seguintes:

1. Em que sentido a concepção estoica da felicidade conduz à resignação, ao conformismo? Como você se posiciona em relação a isso?

*A concepção estoica pode conduzir ao conformismo uma vez que defende a aceitação da natureza e da vida tal como se apresentam e se oferecem ao ser humano. Defende o cultivo da indiferença perante o sofrimento.*

2. Cite e explique pelo menos três recomendações de Epicuro que mostrem como chegar à felicidade. Você concorda com elas? Por quê?

*A retomada do texto permite encontrar as três recomendações de Epicuro para se chegar à felicidade: não esperar que os deuses interfiram na vida humana; não temer a morte e compreender que o futuro não depende totalmente de cada um de nós e não somos totalmente donos de nosso destino.*

3. Você concorda com as concepções de felicidade do estoicismo e do epicurismo? Justifique.

*Espera-se que o aluno explicita seu posicionamento diante das duas correntes estudadas, justificando esse posicionamento com argumentos que podem ser embasados em*

*sua experiência de vida ou em argumentos lógicos fundamentados nas leituras realizadas.*

## Proposta de Situação de Recuperação

Se o aluno ainda não conseguiu o rendimento esperado, uma possível atividade de recuperação poderia ser uma dissertação com o título: “A felicidade na perspectiva do estoicismo e do epicurismo: abordagem crítica”. Nesse trabalho o aluno apresentaria uma síntese das principais teses das duas doutrinas e o seu posicionamento pessoal em relação a elas. Na argumentação seria interessante que fossem feitas citações dos textos filosóficos, acompanhadas das devidas referências bibliográficas.

## Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão dos temas

Para ampliar a compreensão do tema desenvolvido nesta Situação de Aprendizagem, assim como oferecer subsídios teóricos, conceituais e metodológicos para o trabalho docente, indicamos as seguintes obras:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Pode ser de grande ajuda no entendimento dos conceitos de felicidade e de beatitude.

EPICURO. *Carta sobre a felicidade – a Meneceu*. São Paulo: Editora da UNESP, 1997. Foi a principal referência para o estudo do epicurismo. Trata-se de um livro bem pequeno, em edição bilíngue e de baixo custo, que pode, até mesmo, ser usado na íntegra com os alunos se o professor assim desejar.

EPICETETO. *A arte de viver: uma nova interpretação de Sharon Lebell*. Tradução Maria Luiza Newlands da Silveira. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. p. 14.

Trata-se de uma adaptação simplificada de partes de obras de Epicteto, na qual, porém, o intérprete afirma procurar conservar a autenticidade da mensagem do autor, embora não necessariamente por meio do texto literal. Tal simplificação, embora traga o risco de alguma distorção, pode facilitar o entendimento por parte do aluno, razão pela qual as citações de Epicteto foram colhidas dessa obra. O referido risco, por sua vez, pode ser minimizado mediante a utilização, pelo professor, do *Manual de Epicteto*, indicado abaixo, como obra de referência.

\_\_\_\_\_. *Manual de Epicteto*. Tradução Pedro Alvim, s/l, Vega, 1992. Reúne máximas e aforismos de Epicteto, cuja leitura é importante para a compreensão das ideias do autor e para o preparo das aulas.

GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Trata-se de uma interessante discussão sobre o tema da felicidade, escrita na forma de um diálogo entre quatro amigos, na qual o autor faz referência a uma vasta quantidade de autores, oferecendo muitos subsídios para a preparação das aulas.

LORENZON, Alino. “A ética do prazer”. In: *Reflexão*. Campinas: PUC, ano V, nº 18, setembro/dezembro de 1980, p. 57-65. O autor faz uma interessante discussão sobre algumas doutrinas que associam a felicidade ao prazer, sob diferentes perspectivas, inclusive do epicurismo.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2004. Trata-se de um manual de história da filosofia que pode ajudar na preparação das aulas sobre estoicismo e epicurismo. O livro traz trechos dos próprios filósofos que podem ser acrescentados ao material didático, com a finalidade de aprofundar e ampliar o conhecimento dos alunos.

VÁZQUEZ, Adolfo S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. O capítulo XI, intitulado “Doutrinas éticas fundamentais”, trata muito brevemente das correntes filosóficas aqui estudadas. Por sua vez, o capítulo VII, intitulado “A avaliação moral”, traz uma interessante reflexão sobre o tema felicidade, particularmente no tópico 3: “O bom como felicidade” (eudemonismo).

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982. Trata-se, também, de um manual de história da filosofia, mais resumido, que também aborda o estoicismo e o epicurismo e traz excertos de textos dos filósofos.

## Considerações Finais

Nesta Situação de Aprendizagem estudamos as concepções de felicidade do estoicismo e do epicurismo. Esperamos que as leituras e atividades desenvolvidas tenham contribuído para o desenvolvimento nos alunos de uma perspectiva crítica e fundamentada sobre esse tema, fazendo-os avançar em comparação com a que possuíam antes de empreender este estudo.



## TEMA 3 – FELICIDADE E VALORES DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

### SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 3 SER FELIZ É PRECISO

Nesta Situação de Aprendizagem, vamos trabalhar a Filosofia em relação a algumas questões próprias do cotidiano atual dos jovens brasileiros e que cercam o tema felicidade. Tais questões referem-se às representações que associamos à ideia de felicidade, como o prazer imediato, o consumo, como levar vantagens em diferentes

situações competitivas, ter sucesso e reconhecimento social, e ainda como viver a vida densa de *glamour* que é propagandeada em anúncios nos meios de comunicação de forma geral. Diante de tudo isso, uma pergunta fundamental é: “Quais os fetiches associados à ideia de felicidade em nosso cotidiano cultural?”

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** valores associados à Felicidade; entraves à Felicidade; aspectos biológicos, psicológicos e sociais da Felicidade.

**Competências e habilidades:** relacionar informações, representadas de formas variadas, com conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente (Enem); problematizar o tema felicidade, tendo em vista questões da sociedade brasileira contemporânea, e sensibilizar-se quanto à relevância de refletir de forma sistemática e rigorosa sobre tais questões; ler, compreender e interpretar textos teóricos e filosóficos; expressar-se por escrito e oralmente de forma sistemática; elaborar hipóteses e questões sobre leituras e debates realizados.

**Estratégias:** levantamento das opiniões dos alunos sobre o problema da liberdade; discussão em grupo das questões levantadas nas aulas; leitura sistemática e problematizadora de textos e elaboração escrita do próprio pensamento; pesquisa bibliográfica complementar.

**Recursos:** internet para bibliografia complementar; Caderno do Aluno.

**Avaliação:** sugerimos que sejam avaliados o domínio pelos alunos do conteúdo estudado (conceitos, ideias, raciocínios etc.); a sua capacidade de expressão clara, fluente, coerente, coesa, bem articulada e consistente (bem fundamentada, buscando superar o senso comum); e o seu efetivo envolvimento nas atividades propostas.

#### Sondagem e sensibilização

Nesta sondagem e sensibilização, abordaremos a relação entre o tema felicidade e as questões destacadas nesta Situação de Aprendizagem. Então, propomos que os alunos leiam

em sala de aula, com atenção, a poesia bastante conhecida de Manuel Bandeira: *Vou-me embora pra Pasárgada*. Oriente-os para que a procurem na biblioteca da escola ou na internet e peça a eles para trazê-la para a aula. Após a leitura, eles devem responder:

1. Quais as imagens associadas à palavra felicidade estão presentes na poesia?

Depois, diga a eles para retomarem suas respostas para a Situação de Aprendizagem 2 e substituam os fatos por outros que correspondam ao seu ideal de felicidade.

Em seguida, peça aos alunos que conversem sobre suas respostas e apresentem uma síntese que contemple, de forma objetiva e sintética, quais as características da Pasárgada de cada um.

Trata-se de uma atividade que não abarca critérios de certo e errado, porém é necessário

ajudá-los a classificar suas condições para a felicidade nestas categorias: possuir bens materiais, ser bem-sucedido financeiramente, ser bem-sucedido afetivamente, ter saúde, apresentar bom desempenho nos esportes ou na escola. Com essa classificação, chegaremos a um mapeamento de valores associados à felicidade.

Na aula seguinte, é preciso fazer uma reflexão a respeito da fantasia que temos sobre um lugar como Pasárgada, no qual possamos realizar todos os nossos desejos. Para tanto, sugerimos aos alunos a leitura do breve texto abaixo e, depois, que respondam às questões que o acompanham.

### Entraves à felicidade

“A humanidade pode contar com diversos lugares imaginários como Pasárgada, nos quais a felicidade plena e eterna existe.

Além de Manuel Bandeira, Luís de Camões, no poema *Os lusíadas*, descreve a Ilha dos Amores, lugar da satisfação do desejo e da utopia.

A ideia de um paraíso ou de um lugar especial, no qual realizamos todos os nossos desejos, faz parte do imaginário humano, justamente porque em nosso cotidiano, em nossa experiência de vida, encontramos diversos entraves para a realização dos nossos desejos.

Além desse lugar imaginário, integram nossa cultura as fantasias em torno do que faríamos se ganhássemos na loteria, por exemplo.

Imaginar um lugar de felicidade eterna ou uma condição material capaz de comprar tudo o que necessitamos e desejamos são fantasias diretamente relacionadas ao fato de que nossos desejos sofrem limitações ou entraves que geram frustrações. Faz parte de um bom processo de maturidade aprender a lidar com essas frustrações.

A reflexão filosófica pode ajudar na identificação dos limites ou entraves aos nossos desejos e na compreensão sobre o modo como lidamos com eles. A felicidade depende mais da maneira como nos relacionamos com esses limites e entraves do que, propriamente, da satisfação dos mesmos.

Pode-se afirmar, sem medo de errar, que a história da Filosofia é marcada pela preocupação dos filósofos a respeito das condições dos seres humanos para o enfrentamento de seus sofrimentos, de suas frustrações, de suas inquietações e para a compreensão dos próprios limites.

Grande parte da produção dos filósofos e de pesquisadores em psicologia ajuda os seres humanos a compreender que nem sempre desejo e necessidade andam juntos. No mundo contemporâneo, sob o efeito da publicidade e de todo o apelo da sociedade de consumo, somos cada vez mais influenciados a desejar o que não necessitamos ou a acreditar que necessitamos o que nos ensinam a desejar.

Filósofos contemporâneos como Jean Baudrillard (1929-2007), Walter Benjamin (1892-1940), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Jean-Paul Sartre (1905-1980) produziram reflexões sobre temas como consumo, prazer, convívio social e limites à felicidade humana. São autores que problematizam o tema felicidade no âmbito da Filosofia.”

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Agora, como Lição de Casa ou Pesquisa Individual, os alunos podem fazer um breve levantamento biográfico sobre os filósofos citados no texto anterior ou, ainda, escolher um deles para pesquisar o que pensam sobre as características da sociedade de consumo ou da sociedade tecnológica e de consumo.

Após essa breve leitura, os alunos devem ser orientados a responder individualmente às questões que se seguem, para posterior reflexão, mas a atividade deve envolver toda a turma. Questões:

- a) No plano biológico, quais são os desejos, as necessidades e os entraves relativos ao nosso corpo?
- b) No plano psicológico, emocional, quais são os desejos, as necessidades e os entraves?
- c) No plano social, quais são os desejos, as necessidades e os entraves?

De posse das respostas dadas às questões apresentadas, convide alguns alunos a apresentar suas hipóteses, e você, professor, poderá fazer uma síntese do exercício chamando a atenção para a importância da compreensão de que muitos de nossos desejos são primordiais, relativos à nossa condição biológica ou psicológica, mas muitos deles são associados aos valores de cada momento histórico e, se em um passado não muito distante éramos capazes de viver sem telefones celulares, atualmente esse objeto é tido por uma grande maioria das pessoas como de extrema necessidade, além de se constituir num sonho de consumo de muita gente. Nas aulas de Sociologia, os alunos têm a oportunidade de estudar de forma aprofundada as características culturais que cercam o consumismo da sociedade.

Feito isso, na aula seguinte sugerimos uma reflexão em torno de uma pesquisa publicada no site da *Universia* <<http://www.universia.com.br>>.

### **Pesquisa coloca jovens brasileiros entre os mais consumistas do mundo [...]**

Publicado em 18/11/2005 - 00:01

Uma pesquisa realizada no Brasil pelo Instituto Akatu, com base em estudo da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) com jovens de 24 países dos cinco continentes, coloca os jovens brasileiros no topo dos mais consumistas. Dos 259 entrevistados, de nove regiões metropolitanas no país, 37% apontaram as compras como um assunto de muito interesse no dia a dia. Para 78% deles, a qualidade é o principal critério de compra, seguido pelo preço.

Segundo especialistas, este comportamento retrata uma juventude imediatista, preocupada com o “aqui e o agora” e com pouca visão de futuro. Mas de onde vem essa tendência consumista? Quais fatores provocam este tipo de comportamento? [...]

*Universia*. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=9190>>. Acesso em: 17 jul. de 2009

Em primeiro lugar, confronte os dados dessa pesquisa com a experiência de vida dos estudantes das turmas para as quais você dá aulas. Vale a pergunta: *Vocês concordam com essa generalização apontada no*

*site, quando apresenta os dados da pesquisa sobre os jovens brasileiros? Solicite que justifiquem as respostas, negativas ou positivas, oralmente, durante exposição dialogada com a turma.*

Na sequência, em pequenos grupos, peça aos alunos que reflitam sobre a relação entre a felicidade e o consumo: *Como se dá na experiência vital de cada um deles? É possível a felicidade sem a aquisição de determinados bens materiais? Quais são os bens materiais sem os quais é impossível a felicidade?*

A apresentação dos grupos pode ser a base para a construção de um texto coletivo, organizado por você, professor, na lousa, que poderá ser reproduzido para os murais da escola e das outras turmas, tornando a reflexão de cada sala de 3ª série do Ensino Médio uma

colaboração sobre essa importante relação: felicidade e consumo.

Na última aula desta Situação de Aprendizagem, veremos também outro tema fundamental que se desdobra da reflexão sobre felicidade: a morte. Como nos relacionamos com essa que é a única certeza da existência de todos os seres vivos?

Para tanto, inicialmente sugerimos que os alunos leiam o texto *Morte*, de Aguinaldo Pavão, que é professor de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina.

## Morte

Aguinaldo Pavão

“Parece-me que o dia 2 de novembro reforça a necessidade em mim de pensar sobre a morte. Eu fico muito triste quando penso na minha morte. Por outro lado, é desconfortável a ideia de que poderia não morrer, de que poderia ser eterno. Que graça teria a vida se nós não morrêssemos. A ânsia de viver, de gozar a vida, parece só ter sentido porque sabemos que vamos morrer. Sei que esta é uma filosofia meio barata (contudo, não esqueçamos que, no fundo, a filosofia é apenas uma sofisticação do senso comum). De fato, não precisamos de profundidade para fazer essa reflexão desconcertante. A morte é desesperadora. A morte é o fim das leituras, o fim das viagens, o fim do amor, o fim do sexo, o fim da música, o fim de tudo. Todavia, é ótimo que haja morte. Nós temos de assumir nossa mortalidade. Quanto mais assumirmos isso, mais poderemos degustar a vida. Precisamos lembrar de Aquiles, o herói grego: os deuses é que devem invejar os mortais, pois é a nossa condição de mortais que permite sentir a importância de cada momento.

Mas talvez haja vida após a morte. Contudo, se me fosse dada a oportunidade, na hipótese de haver vida após a morte, eu gostaria de dizer que renuncio à eternidade. Eu devolveria o bilhete. A eternidade me cansa. Seria um tédio insuportável viver para sempre. Só a ideia já me cansa. E eu quero ter um corpo, e parece difícil a ideia de que meu corpo também sobreviverá. Ele ficará imperecível, insuscetível à ação do tempo? Se eu não quero aqui a eternidade, lá eu também não quero. Porque se eu não a desejo aqui, não vejo razões para mudar de ideia lá.

Se eu fosse um outro eu, talvez a quisesse, mas aí já não seria mais eu, e não sendo mais eu, não saberia como esse outro eu agiria, como ele sentiria as coisas. Se houvesse vida após a morte, eu seria condenado à eternidade? Ao que parece sim, embora isso não seja necessário. Mas se fosse eterno, isto é, se minha vida pós-morte implicasse uma duração infinita no tempo, eu mais perderia do que ganharia. Ora, eu não escolho nascer, mas posso escolher me matar. Se fosse eterno não teria essa liberdade.”

Disponível em: <<http://aguinaldopavao.blogspot.com/2006/11/morte.html>>.

Acesso em: 17 jul. 2009.

Algumas questões podem ajudar na reflexão, que pode ter início no registro individual ou nas conversas nos subgrupos. Você, professor, pode avaliar a melhor forma de organizar a turma para essa discussão.

1. O autor fala de tristeza diante da morte. O que caracteriza essa tristeza? Vamos perguntar de outro modo: Quais os fatos que tornam a morte uma experiência triste?
2. Diante dessas frases do texto: “Todavia, é ótimo que haja morte. Nós temos de assumir nossa mortalidade. Quanto mais assumirmos isso, mais poderemos degustar a vida.”, por que é que assumir a nossa mortalidade permite degustar a vida? Você concorda com essa afirmação? Quais os argumentos do autor para defender essa ideia?
3. De que forma a morte nos torna livres em vida, segundo a argumentação do autor?

Se as respostas dos alunos forem individuais, organize um momento coletivo para a socialização e a troca dos argumentos. Se responderem em grupos, eles poderão organizar um painel oral ou um mural com ilustrações sobre o tema. Este é um momento importante para chamar a atenção sobre o imperativo de felicidade que marca a nossa cultura e é veiculado pelos meios de comunicação.

A nossa natureza biológica, psicológica e social, no entanto, impede que se entenda a felicidade como ter prazer sempre, rir sempre, não viver padecimentos. Somos seres sujeitos a padecimentos: físicos e psicológicos. A morte é um deles. Se somos seres que sentem padecimentos, a felicidade pode ser entendida não como esse prazer imediato e que deve ser permanente, mas como uma boa relação com cada situação de padecimento inevitável,

próprio de nossa natureza, como é o caso da morte. Uma boa relação com o padecimento pode vir da transformação do mesmo em aprendizados. Para tanto, a reflexão filosófica pode ser uma aliada.

Agora, em uma pesquisa individual, para ser feita em casa, o aluno poderá investigar as relações com a morte cultivadas em diferentes culturas. Como entendem a morte os muçulmanos? E os budistas do Tibete? E o povo xavante? Essa pesquisa pode ser feita na internet, mas também entre as pessoas da comunidade dos alunos que possam conhecer tais culturas.

### Proposta de Questões para Avaliação

1. “Ser feliz é preciso” é o título desta Situação de Aprendizagem. Comente esse valor presente em nossa cultura.

*Espera-se que o aluno traga exemplos de situações que valorizam a felicidade a qualquer preço. Espera-se que ele apresente uma reflexão crítica sobre a exigência de felicidade imediatista e associada a valores materiais.*

2. Morte e padecimentos constituem a nossa natureza. Se por um lado nos trazem infelicidade, algumas culturas entendem que a felicidade está justamente na sabedoria de não negá-los, mas, sim, de assumi-los como parte integrante de nossa vida. Registre uma reflexão a respeito.

*Da mesma forma que na resposta anterior, espera-se que o aluno reflita sobre a importância de nos prepararmos para as perdas inevitáveis e para não negarmos este aspecto fundamental de nossa natureza: a morte.*

3. Comente a relação entre consumo e felicidade.

*Aqui, espera-se que o aluno apresente crítica ao vínculo entre consumo e felicidade estabelecido pelo mundo da publicidade e por valores já enraizados em nossa cultura.*

### Proposta de Situação de Recuperação

Caso alguns alunos apresentem dificuldades para expressar as reflexões desta Situação de Aprendizagem, peça a eles para retomarem as leituras e questões com o seu acompanhamento, e fazerem um trabalho que poderá ser individual, ou em subgrupos, se essa necessidade envolver mais que um estudante.

### Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão dos temas

#### Livros

BAUDRILLARD, Jean. *A troca simbólica e a morte*. São Paulo: Loyola, 1999. Nesta obra, o autor analisa temas centrais da sociedade atual: o trabalho, a moda, o corpo, a morte, a linguagem poética, em perspectiva crítica para a compreensão das necessidades criadas que se transformam em desejos.

\_\_\_\_\_. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1999. Neste livro, o autor analisa a

sociedade industrial da segunda metade do século XX, destacando a criação de valores e necessidades. Com ele, podemos repensar nossos conceitos sobre a felicidade.

PLATÃO. Fédon ou da alma. In: *Diálogos*. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

#### Site

*Universia*. Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=9190>>. Acesso em: 17 jul. 2009. Este *site* é interessante para informações em geral, mas sobretudo é bom para pesquisas sobre a realidade social contemporânea.

#### Filme

*Ilha das Flores*. Direção Jorge Furtado. Brasil, 1989. 13min. Livre. O filme descreve o ser humano com sua capacidade de construir cultura e, ao mesmo tempo, destruir o ambiente. Pode colaborar para aprofundar a crítica ao imediatismo.

### Considerações Finais

Nesta Situação de Aprendizagem, foram oferecidos subsídios para uma análise das concepções de felicidade presentes em nosso cotidiano e para a compreensão da felicidade como uma boa relação com os padecimentos que constituem a natureza humana.



## TEMA 4 – A FELICIDADE: DIMENSÃO SUBJETIVA, SOCIAL E POLÍTICA

### SITUAÇÃO DE APRENDIZAGEM 4 FELICIDADE E COMPROMISSO: CONSIGO E COM O OUTRO

Nesta Situação de Aprendizagem, que finaliza o estudo de Filosofia no Ensino Médio, serão analisadas as condições pessoais e sociais para a construção de uma abordagem da felicidade. Ser feliz com o outro, ser feliz na cidade, no interior da vida social, imerso em cultura que herdamos ao nascer é uma das questões que marcam a Filosofia desde sempre. Dois

objetivos colocam-se como centrais: favorecer a reflexão sobre a responsabilidade de cada cidadão para com a própria felicidade e a para com a felicidade do outro; e pensar limites entre lidar bem com frustrações e não se deixar conduzir por conformismo. Duas das aulas destinam-se ao tratamento das questões mais pessoais e as outras duas às questões sociais.

**Tempo previsto:** 4 aulas.

**Conteúdos e temas:** condições pessoais e sociais para a felicidade; ser feliz com o outro; felicidade como responsabilidade pessoal e social.

**Competências e habilidades:** relacionar informações, representadas de formas variadas, com conhecimentos disponíveis em diferentes situações, para construir argumentação consistente (Enem); discutir as condições pessoais e sociais para a felicidade; expressar-se por escrito e oralmente de forma sistemática; elaborar hipóteses tomando-se por base as questões desta Situação de Aprendizagem.

**Estratégias:** levantamento das representações dos alunos sobre as condições pessoais e sociais para a felicidade; discussão em grupo das questões levantadas nas aulas; elaboração escrita do próprio pensamento.

**Recursos:** registros a partir de memória pessoal; bibliografia complementar.

**Avaliação:** sugerimos que sejam avaliados o enfrentamento das questões propostas e os registros solicitados. Como instrumentos de avaliação, recomendam-se a verificação das atividades do Caderno do Aluno; a participação em sala; e outros que o professor julgar pertinentes.

## Sondagem e sensibilização

Ao iniciar esta reflexão, oriente os alunos a conversarem em grupo e responderem: quais as características pessoais que nos impedem de ser felizes? Pode-se apresentar o resultado por escrito ou por associação a uma imagem de revista, a uma foto ou mesmo a um desenho que simbolize as características levantadas em cada grupo.

Após a apresentação de todos os grupos, recomenda-se a leitura do texto a seguir, com o propósito de fechar esta aula e preparar a discussão da próxima.

Feito isso, pedimos aos alunos que destaquem no quadro destinado a essa finalidade (Caderno do Aluno) as frases com as quais concordam e as outras das quais discordam, acompanhadas das justificativas para essas escolhas. O objetivo desta atividade é permitir que eles lancem mão do que já aprenderam nas Situações de Aprendizagem anteriores e, ao mesmo tempo, motivá-los a continuar a reflexão sobre o tema em questão, preparando-os para a discussão sobre a dimensão social e a dimensão política da felicidade.

### O bem e o mal dependem sobretudo da ideia que fazemos deles

Os homens, diz uma antiga sentença grega, são atormentados pela opiniões que têm sobre as coisas, não pelas próprias coisas. Seria de fato um importante passo para o alívio de nossa miserável condição humana, se pudéssemos estabelecer a verdade desta opinião em todas as situações. Pois se é apenas o nosso julgamento que permite que os males nos adentrem, parece que poderíamos desprezá-los ou transformá-los em bem. Se as coisas se rendem à nossa vontade, porque não tratá-las como dono ou acomodá-las em nosso favor? Se o que chamamos de “mal” ou de “tormento” não é nem mal nem tormento em si, mas é a nossa imaginação que lhe atribui este caráter, temos o poder de mudá-lo. E já que temos a escolha, é completamente tolo atermo-nos à opção que nos é mais incômoda e darmos às doenças, à indigência e ao desprezo um gosto amargo e mau, quando podemos lhes dar um gosto bom e, o destino nos fornecendo simplesmente a matéria, nos cabe lhe dar forma.

MONTAIGNE, Michel de. *Les Essais, Livre I*. Chapitre XL. Tradução Renée Barata Zicman. Disponível em francês em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=3384](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailheObraForm.do?select_action=&co_obra=3384)>. Acesso em: 31 ago. 2009.

Na aula seguinte à sondagem, mostre ao aluno a importância da reflexão sobre a dimensão pessoal, a individual ou a psicológica para a felicidade. A reflexão filosófica também pode ajudar, na medida em que favorece o questionamento, o qual leva ao autocohecimento, e contempla em sua história um conjunto de obras, sob cujos pontos de vista a nossa relação com a felicidade é pensada, tal como vimos em cadernos anteriores e na

Situação de Aprendizagem 2 deste mesmo Caderno.

No exercício proposto para a sondagem apresentamos a perspectiva de questionarmos a nossa responsabilidade em relação à própria felicidade. Então, nesta aula, vamos caminhar um pouco mais nessa linha, ao abordar algumas condições emocionais e alguns valores pessoais que costumam propiciar a infelicidade.



São campos férteis para infelicidade: não saber lidar com frustrações; ser escravo do próprio desejo; desejar o impossível; ver-se como centro do mundo; não realizar o esforço de conhecer a si próprio; deixar-se levar pelas emoções; não respeitar as próprias emoções; não cuidar da saúde; não cuidar do próprio espaço; não cuidar da saúde emocional, mental, psicológica; não parar para pensar, para planejar e não refletir sobre as consequências dos próprios atos; não aceitar a ideia de que não existem opções sem perdas.

As afirmações apresentadas remetem a questões que nos ajudam a distinguir diferentes representações cotidianas sobre nossa relação com a felicidade. Vamos a elas, com a recomendação de que os alunos respondam às mesmas baseando-se em uma discussão em grupo, esforçando-se para registrarem uma síntese dessa reflexão.

- ▶ Qual a diferença entre aceitar uma frustração, uma perda, sem se deixar derrotar psicologicamente por ela, e o conformismo, ou seja, a desistência de lutar pelo que se quer? A frustração produzida pela morte de uma pessoa querida não pode ser incluída nesse questionamento. Trata-se de uma situação na qual a sabedoria de aceitação de nossa natureza mortal pode ajudar e muito no enfrentamento desse tipo de perda em especial.
- ▶ Qual a diferença entre não ser escravo do desejo e lutar pelo que se quer?
- ▶ Qual a diferença entre não se ver como centro do mundo e a baixa autoestima?
- ▶ Qual a diferença entre respeitar as próprias emoções e deixar-se levar pelas emoções?

Após as apresentações, uma síntese será bem-vinda, com ideias centrais de cada grupo e comentários do professor sobre cada uma das quatro questões. É fundamental lembrar aos alunos que, com respeito às questões debatidas, pode-se prever a organização de pelo menos

quatro grupos de pessoas. No primeiro grupo, situam-se aquelas pessoas que contemplam todas as condições psicológicas e intelectuais para enfrentarem as questões acima descritas e de fato o fazem, distinguindo as tais fronteiras entre a aceitação diante do inevitável e o conformismo que impede a solução de problemas. No segundo grupo, encontramos as pessoas que não conseguem lidar com perdas e entraves aos desejos, apesar de elas apresentarem condições intelectuais para essa reflexão, sobre o que poderiam mudar e rever em sua própria postura e em seu conjunto de valores, para, sem resvalar no conformismo, aceitar sem traumas as frustrações impostas pela vida. Em geral, são pessoas que participam de tratamentos psicoterapêuticos e sabem questionar sua relação com a felicidade, mas ainda assim não conseguem ser felizes por conta de entraves de natureza emocional, produzidos em sua grande parte justamente em situações de frustrações aos desejos. No terceiro grupo, temos pessoas para as quais essas questões não se colocam e seguem a vida sem questionamentos sobre a possibilidade de serem felizes ou de lidarem melhor com os motivos para a infelicidade que a experiência vivencial oferece. Um quarto grupo ainda pode ser caracterizado: o das pessoas capazes de boas relações com as frustrações e capazes de construir ideias de felicidade que se assentam na aceitação do que é inevitável, para o bem e para o mal, sem que realizem reflexão alguma a respeito, e que cultivam postura feliz diante da vida. É importante lembrar que uma mesma pessoa pode transitar em diferentes grupos a depender de diferentes momentos da vida.

Cabe a pergunta: *Em que grupo nos situamos?*

Se a reflexão filosófica deve ser uma constante em nossa vida para análise dos contextos que nos cercam, a mesma pode auxiliar também o autoconhecimento, principalmente para a distribuição entre processos que devem ser aceitos, inevitáveis, como a morte, por exemplo, e processos que exigem lutas para transformações e não aceitações.

A reflexão deve ajudar a compreender que a felicidade e o prazer a qualquer preço não condizem com a construção de uma vida solidária, na qual a lógica da vantagem de uns sobre os outros merece ser banida, e portanto a felicidade de todos também é um critério e um limite para a capacidade de lutar pelo que se quer ou lutar pela própria felicidade.

Iniciamos, então, a discussão sobre a dimensão social da felicidade, provocando os alunos a refletirem sobre ideias do seu cotidiano, expressas em frases como:

- a) Na vida, como na selva, vale a lei do mais forte. Os fracos não sobrevivem.

- b) O mundo é dos espertos.

- c) O importante é levar vantagem em tudo.

O objetivo é introduzir, de forma mais espontânea, o tema do egoísmo e do individualismo que será desenvolvido pelo texto proposto. Com essa mesma finalidade, apresentamos também a letra da música *Cada um por si*, de Renato Martins, interpretada pela banda Canastra. Se possível, leve um aparelho para a classe ouvir a música durante a aula. Tanto as frases quanto a música podem ser substituídas ou complementadas, caso você julgue conveniente.

### Cada um por si

Todo mundo sabe: pra nascer tem que ter sorte  
E quem tem sorte escapa até mesmo da morte

É, todo mundo sabe, de um ou de outro jeito,  
O cada um por si é o que vai ser

Todo mundo ouviu e viu pela tevê  
O golpe que me deram  
Eu dei outro em você  
E assim as coisas vão  
Infelizmente pra nós dois  
O cada um por si é que é a lei

Eu sei  
Fraternidade só existe é em mensagens de  
[cartão-postal  
Eu não queria que o mundo fosse assim  
Infelizmente não depende só de mim

Parabéns pra mim, a vitória está comigo  
O sucesso vem pr'aquele que é seu próprio e  
[melhor amigo  
E a humanidade onde entra nisso?  
O cada um por si é que é a lei

Renato Martins

E não fui eu que quis assim  
Eu tentei ser diferente  
Mas quanto mais tentava  
Menos era respeitado por toda a gente  
E pensei  
Se o cada um por si é que é legal  
É o que vai ser

Eu sei  
Fraternidade só existe é em mensagens de  
[cartão-postal  
Eu não queria que o mundo fosse assim  
Infelizmente não depende só de mim

Fraternidade só existe é em mensagens de  
[cartão-postal  
Eu não queria que o mundo fosse assim  
Infelizmente não depende só de mim

Cada um por si é o que vai ser  
Cada um por si é que é a lei  
Cada um por si é o que vai ser  
Cada um por si é que é a lei

© Deck Produções Artísticas Ltda.

Em seguida, vamos à leitura deste texto, disponível também no Caderno do Aluno.

### A dimensão social da felicidade

Ao contrário do que muitos pensam, a realização da felicidade não depende apenas da vontade e da atitude de cada pessoa, individualmente, por mais esforçada e determinada que ela seja. Isso porque ninguém é autossuficiente para satisfazer suas necessidades subjetivas e objetivas. Como constatamos na segunda Situação de Aprendizagem, do Volume 2, o homem é um animal político, isto é, um ser que pela sua própria natureza só existe em sociedade, na convivência com seus semelhantes, havendo entre todos uma relação de dependência recíproca no atendimento a essas necessidades.

Do ponto de vista objetivo, por exemplo, precisamos de uma infinidade de coisas que são fruto do trabalho de outras pessoas: alimentos, roupas, calçados, os diversos utensílios do nosso dia a dia, livros, cadernos, lápis, canetas, transporte, atendimento médico, dentário, psicológico, segurança, espaços para lazer e prática esportiva, e muitos outros. A lista não teria fim. Na realidade, como diz o professor Dalmo de Abreu Dallari, a vida em sociedade é uma constante “troca de bens e serviços”<sup>1</sup>, de modo que cada pessoa depende do trabalho das demais. Ora, se todas essas coisas são necessárias à felicidade, então ela depende da ação coletiva de um número imensurável de pessoas que produzem esses bens e prestam esses serviços.

O mesmo vale para as necessidades subjetivas. Todos precisamos de amor, carinho, respeito, afeição, consideração, atenção, ternura, cordialidade, hospitalidade, cuidado, prazer, conhecimento, liberdade, espaço para pensar, criar, sentir, crer, enfim, de uma infinidade de elementos relacionados à nossa vida interior, os quais somos incapazes de obter sozinhos. Também aqui precisamos da colaboração das pessoas a nossa volta.

A felicidade, por conseguinte, tanto no seu aspecto objetivo quanto no subjetivo, é sempre produto de uma ação coletiva dos membros de uma dada sociedade. Em outras palavras, podemos dizer que a felicidade é socialmente produzida e, portanto, tem um caráter social. Afinal, como diz a letra de uma conhecida canção, “é impossível ser feliz sozinho”. Por essa razão, não faz sentido buscá-la no individualismo ou no egoísmo, isto é, agindo de acordo com nossos interesses particulares, procurando tirar vantagem das diversas situações, sem nos preocuparmos com as consequências de nossos atos para as outras pessoas.

Ocorre, porém, que egoísmo e individualismo são justamente os valores mais estimulados por nossa sociedade quando o assunto é a busca da felicidade. Aprendemos desde muito cedo que o sucesso ou o fracasso na escola, na profissão, na vida dependem de nosso esforço individual; que no mundo prevalecem as leis do “cada um pra si” ou do “salve-se quem puder”; que precisamos nos preparar para enfrentar a grande competitividade do vestibular e, depois dele, do mercado de trabalho; que, uma vez empregados, devemos disputar com nossos colegas pela ascensão na carreira, por *status* e poder; que ao nosso lado há, não um amigo ou um companheiro, mas um adversário, um concorrente, alguém que para nós representa uma ameaça. Se ele desistir, tanto melhor, pois nossas chances de sucesso serão maiores.

Aqui, aliás, encontramos outro sentido que nos possibilita dizer que a felicidade tem um caráter social: em grande parte, é a sociedade que produz dela a imagem que assimilamos e que transformamos em objeto de nossos maiores anseios, muitas vezes sem questionar.

Numa sociedade em que as pessoas são mais valorizadas e reconhecidas pelo que *possuem* do que pelo que *são*, a felicidade tende a ser identificada com a posse de bens materiais e de dinheiro, que é o meio através do qual se adquirem esses bens. Por esse raciocínio, quanto mais posses tiver uma pessoa,

mais feliz ela será. Quanto menos posses, mais infeliz. Assim, esse passa a ser o ideal dominante de felicidade que vai mobilizar o desejo e os sonhos da maioria das pessoas. Ocorre que, em se tratando de uma sociedade com profundas desigualdades de classe e na qual o *ter mais* de alguns se viabiliza à custa do *ter menos* ou do *não ter* dos demais, esse ideal de felicidade se revela, na prática, inatingível para a grande maioria das pessoas (os pobres) e privilégio de poucos (dos ricos).

Por outro lado, numa sociedade organizada de maneira diferente e na qual as pessoas fossem mais valorizadas pelo que *são* do que pelo que *possuem*, certamente prevaleceria outro ideal de felicidade.

A construção de um novo modelo de sociedade, que proporcione condições mais igualitárias de acesso à felicidade, é, sem dúvida, responsabilidade de todos nós. Mas, enquanto isso não se viabiliza plenamente, talvez possamos nos empenhar em mudar desde já alguns valores, rejeitando a imposição do individualismo e do egoísmo e procurando construir relações mais ancoradas na amizade, na solidariedade e na cooperação, antecipando aqui e agora, na medida do possível, a utopia de uma sociedade feliz.

<sup>1</sup>DALLARI, Dalmo de A. *O que é participação política*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 33.

Elaborado especialmente para o *São Paulo faz escola*.

Consideramos importante, portanto, destacar desse texto os seguintes aspectos: a impossibilidade de autossuficiência para a satisfação das necessidades subjetivas e objetivas do ser humano; a sua natureza essencialmente política; o fato de a vida em sociedade ser uma constante “troca de bens e serviços”, configurando-se, assim, uma relação de interdependência entre os membros dessa sociedade; o caráter socialmente produzido da felicidade; a associação feita pela sociedade entre felicidade e as “tendências egoístas ou do ‘espírito de posse’ do indivíduo”, que faz com que o ter de uns ocorra à custa do *não ter* dos demais; a responsabilidade coletiva pela construção de relações sociais mais felizes. Evidentemente, você pode destacar outros aspectos, ou mesmo acrescentar novos elementos que não tenham sido abordados no texto.

Ao concluir esta aula, e com o objetivo de assegurar a compreensão do conteúdo estudado, propomos algumas perguntas que remetem diretamente a ele. São elas:

1. O que significa dizer que ninguém é autossuficiente para satisfazer suas necessidades subjetivas e objetivas?

2. Em que sentido se pode afirmar que a felicidade tem um caráter social?
3. Em que se baseia a afirmação de que não tem lógica buscar a felicidade no individualismo e no egoísmo?
4. Na sociedade em que vivemos é possível superar a influência do egoísmo e do individualismo? Como?

Ainda nesta aula, vamos solicitar aos alunos, como atividade de pesquisa em casa, que encontrem a música *Comida*, da banda *Titãs*, transcrevam a letra em seus Cadernos e a levem na aula seguinte, para que seja trabalhada nos grupos. O objetivo, desta vez, é, através da música, chamar a atenção para o fato de que a felicidade tem múltiplas dimensões e que todas precisam ser satisfeitas para que ela, a felicidade, realmente ocorra. Além disso, esta atividade pode inserir um componente lúdico que ajude na motivação para o estudo.

Em nossa próxima aula, abordaremos a dimensão política da felicidade, que, a rigor, está intrinsecamente ligada à sua dimensão social. Por isso, começamos a discussão em

grupo com a música *Comida*, para proporcionar aos alunos a oportunidade de reflexão sobre a concepção de felicidade a ela subjacente e também sobre as suas próprias, de modo a prepará-los para o estudo que será feito em seguida. Seria interessante, se possível, que a música fosse tocada em sala, o que acrescentaria ludicidade ao trabalho e motivação para realizá-lo.

Depois, ainda organizados em grupos, os alunos vão debater e responder a algumas perguntas, cujo objetivo é instruí-los para a reflexão mais sistemática que farão a partir da

leitura do próximo texto. Então, são estas as perguntas:

- a) Você gosta de política? Por quê?
- b) Você tem algum tipo de participação política? Por quê? Em caso afirmativo, descreva-a.
- c) O que você pensa do ditado: “Política, futebol e religião não se discutem”? Justifique sua resposta.

O texto reproduzido a seguir encontra-se presente também no Caderno do Aluno.

### A dimensão política da felicidade

Na aula anterior, vimos que, pela própria natureza política do ser humano, a felicidade possui um caráter social, no sentido de que as condições objetivas e subjetivas necessárias à sua realização são coletivamente produzidas.

Por sua vez, a existência ou não dessas condições, bem como o número de pessoas que terão acesso a elas, depende, em grande parte, das políticas governamentais implementadas nas diversas áreas da administração pública. Temos, por exemplo, políticas para a saúde, a educação, a habitação, o transporte, a segurança, o emprego, os direitos humanos, as mulheres, os negros, os povos indígenas, os portadores de necessidades especiais, o meio ambiente, o emprego, e muitas outras.

Ora, se a presença de certas condições necessárias à felicidade resulta de políticas governamentais, então podemos concluir que a felicidade ou a infelicidade da população depende, ao menos em parte, da ação dos governantes.

Ocorre que, numa democracia, os que governam nas diversas instâncias (municipal, estadual e federal) são eleitos pelo voto direto dos cidadãos. Isso significa que, em alguma medida, todos os que votam (ou deixam de votar) são corresponsáveis por essas políticas e, por conseguinte, também pela realização ou não realização da felicidade da população. Eis a dimensão política, em sentido mais estrito, da felicidade.

Daí a importância da participação política consciente, sobretudo em relação ao voto. Mais do que um direito, essa participação é também um dever de cada cidadão, pois dela derivam consequências que afetam a vida de toda a sociedade.

No entanto, muitas pessoas ainda se recusam a participar politicamente, dizendo que não gostam ou não entendem de política e que preferem cuidar da sua vida, de seus assuntos particulares. Muitos se negam mesmo a discutir questões políticas, temerosos das possíveis consequências do confronto de ideias. Justificam sua indiferença com o famoso ditado que diz: “Política, religião e futebol não se discutem”. Outros, ainda, alegam que política é coisa suja, que todo político é corrupto e que, por isso, preferem permanecer distantes para não se contaminarem.

Quem adota essa atitude está, na verdade, expressando uma consciência ingênua e alienada em relação à política. Isso porque, na prática, a abstenção política é impossível. Pelo simples fato de fazer parte de uma sociedade, sofreremos as influências do contexto em que vivemos, como também exercemos influência sobre ele, mesmo sem perceber. Daí porque, como diz Dalmo Dallari<sup>1</sup>, não se pode separar radicalmente os interesses particulares dos interesses públicos. Posso, por exemplo, desistir de votar numa

determinada eleição, por motivos particulares, mas essa minha atitude, somada às dos demais eleitores, não deixará de repercutir proporcionalmente no resultado eleitoral, assim como esse não deixará de repercutir em minha vida privada. Além disso, abdicar da política é uma forma de apoiar as ações governamentais, o que também constitui uma atitude política que nada tem de neutralidade. Na verdade, o desinteresse do povo pela política só interessa a certos governantes, que o querem distante das decisões, para que possam favorecer os próprios interesses. Engana-se redondamente, portanto, quem acredita que pode permanecer alheio à política.

A rigor, a participação política não é necessariamente algo que se faça por prazer (embora isso seja perfeitamente possível), mas por necessidade, pois, querendo ou não, participamos de um jeito ou de outro. Aliás, é bastante provável que, para muitos, ela não seja mesmo prazerosa. Mas aqui talvez valha o ensinamento de Epicuro de que, às vezes, é preferível aceitar certos sofrimentos (como o fazer algo de que não se gosta) se este for o caminho para se obter um prazer maior no futuro (por exemplo, condições sociais mais favoráveis à felicidade de todos). Do contrário, nossa omissão pode resultar em grande infelicidade, inclusive para nós mesmos.

Há várias formas de participação política. Votar conscientemente é apenas uma delas. Na verdade, é o mínimo que se pode exigir de um cidadão numa democracia. E, para que o voto seja de fato consciente, é preciso que o eleitor esteja bem informado sobre as atribuições dos cargos em disputa, as características dos candidatos e partidos, os principais problemas que deverão ser enfrentados pelos eleitos e as possíveis soluções para eles. Além disso, o eleitor consciente deve agir com liberdade e responsabilidade social, não aceitando jamais vender ou trocar o seu voto nem oferecê-lo em retribuição a algum favor ou para agradar alguém.

Além do voto, há outras formas de participação política: a individual e a coletiva. Do ponto de vista individual, há uma enorme gama de ações que cada um pode fazer. Por exemplo: dialogar em casa, na escola, no trabalho, ou em qualquer outro lugar sobre os problemas da cidade, do Estado ou do país, buscando adquirir e também despertar nos outros uma consciência mais crítica sobre tais problemas; escrever em jornais, revistas e outros meios de comunicação, denunciando situações de injustiça; enviar e-mails para as autoridades cobrando providências e seus compromissos de campanha; manter-se informado sobre a realidade do país, através da leitura de jornais e revistas; defender e pôr em prática no dia a dia valores como a solidariedade, o respeito e a cordialidade, como forma de combater o individualismo e o egoísmo reinantes; entre outras.

Por outro lado, a participação coletiva do indivíduo ocorre por meio do envolvimento em partidos políticos, associações, organizações não governamentais, sindicatos, grêmios estudantis, movimentos, enfim, em qualquer agrupamento que tenha objetivos bem definidos. Vale lembrar que o grupo, sobretudo quando bem organizado, é sempre mais forte que o indivíduo isoladamente. Como lembra Dallari: “O que a experiência tem comprovado é que, mesmo as pessoas mais pobres, sem nenhum poder econômico, político ou militar, com pequeno preparo intelectual e exercendo as profissões mais humildes, podem conseguir um poder de pressão e são ouvidas quando agem em grupo”<sup>2</sup>.

Assim, muitas coisas exteriores a nós e que influem em nossa felicidade ou infelicidade dependem direta ou indiretamente de nós e da forma como participamos politicamente. Nesse sentido, podemos dizer que a felicidade tem também uma natureza política que não pode ser desconsiderada. É evidente que as diversas formas de participação são muito facilitadas num regime democrático em que a liberdade de expressão é assegurada. Daí também a importância da democracia para a construção da felicidade.

<sup>1</sup>DALLARI, Dalmo de A. *O que é participação política*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 84.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 46.



Nesse texto, sugerimos que sejam destacados os seguintes aspectos: a relação entre a felicidade e as políticas governamentais, evidenciando a dimensão política da primeira; a importância da participação política para a realização da felicidade; as diferentes formas dessa participação; a impossibilidade prática de abster-se da política e as consequências do desinteresse do povo por ela; o fato de que a participação política não é necessariamente prazerosa, mas necessária; a impossibilidade de separar radicalmente interesses privados dos interesses públicos; a importância da democracia para a participação política e, conseqüentemente, para a busca da felicidade. O texto faz ainda referência a Epicuro e ao estoicismo, oferecendo oportunidade para uma breve retomada desses conteúdos.

Em seguida, propomos algumas perguntas relacionadas ao conteúdo do texto, a fim de ajudar na sua compreensão e na ampliação da reflexão sobre o tema. São elas:

1. Em que sentido pode-se dizer que o desejo de abstenção política reflete uma consciência ingênua e alienada? Você concorda? Por quê?
2. O que significa a afirmação de que a felicidade tem uma dimensão política? Você concorda? Justifique.
3. Você concorda que a participação política é um importante instrumento para a construção de uma sociedade justa e feliz? Por quê?
4. Olhando para sua realidade (cidade, bairro, escola, trabalho etc.), que tipo de participação política você está disposto a ter para ajudar na construção da felicidade de sua comunidade?

Essa última questão, que fecha a presente Situação de Aprendizagem, visa a desafiar os alunos a assumirem uma atitude política mais

ativa e participativa em sua própria comunidade, de acordo com as condições objetivas e subjetivas de que eles dispõem. Você certamente pode ajudá-los a pensar sobre as possíveis alternativas, a começar por seu envolvimento mais efetivo na vida da escola.

### Propostas de Questões para Avaliação

Gostamos de frisar que, para nós, cabe a você decidir sobre quando e de que forma avaliar seus alunos. Na forma de contribuição, porém, apresentamos as seguintes sugestões de atividades:

1. Os alunos poderão fazer uma breve dissertação (30 a 40 linhas) na qual analisem, à luz do estudo realizado, a noção de felicidade contida na música *Comida*, da banda Titãs. Esse trabalho pode ser feito tanto em sala de aula quanto em casa, para posterior entrega a você. Avalie, então, qual alternativa considera a mais adequada. O importante é que, em seu texto, os alunos demonstrem a apropriação do conteúdo trabalhado. Se preferir, substitua essa música por outra de sua escolha, ou dos alunos, ou até mesmo por outro tipo de texto que julgar mais pertinente.

*Espera-se que o aluno apresente uma breve caracterização dos valores associados à felicidade em nossa sociedade: ter casa própria, ter emprego, ter relacionamento amoroso, ter amor, ter sucesso, ter reconhecimento e notoriedade, ser uma celebridade e critique tais valores.*

2. Outra possibilidade é propor simplesmente uma dissertação sobre este tema: “As dimensões pessoal, social e política da felicidade”, na qual os alunos deverão expressar o que entenderam do estudo realizado.

*Espera-se que o aluno identifique desejos construídos e cultivados em nossa sociedade*

*e identifique valores e desejos associados à natureza humana independentemente de uma determinada cultura.*

3. Uma terceira alternativa é solicitar que respondam, comentando, a seguinte questão: Se não vivemos em uma ilha da fantasia, na qual a felicidade é entendida como processo de permanente satisfação de nossos desejos e de nossas necessidades, como podemos pensar a felicidade em nossa realidade social atual?

*Espera-se que o aluno discuta a relação entre felicidade e desejo.*

### **Proposta de Situação de Recuperação**

Essas atividades podem também servir de trabalho de recuperação para os alunos que eventualmente não tenham demonstrado o rendimento esperado.

### **Recursos para ampliar a perspectiva do professor e do aluno para a compreensão dos temas**

Para ampliar a compreensão do tema desenvolvido nesta Situação de Aprendizagem, assim como oferecer subsídios teóricos, conceituais e metodológicos para o trabalho docente, indicamos as seguintes obras:

#### **Livros**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. Pode ser de grande ajuda no entendimento dos conceitos trabalhados.

DALLARI, Dalmo de A. *O que é participação política*. São Paulo: Brasiliense, 2004. O livro foi uma das referências para os textos das duas últimas aulas desta Situação de Aprendizagem. Em linguagem acessível,

o autor discute com muita propriedade a questão da participação política, oferecendo muitos subsídios para a reflexão crítica sobre esse tema.

GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000. Este livro traz informações importantes sobre a possibilidade de sermos felizes respeitando o Planeta Terra.

GIANETTI, Eduardo. *Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Este livro poderá auxiliar a análise das questões que cercam o tema felicidade, por meio de diálogos que também auxiliam a compreensão das características da argumentação filosófica.

VÁZQUEZ, Adolfo S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. No capítulo VII há um tópico intitulado “O bom como felicidade” (eudemonismo), que traz importantes contribuições para o tema desenvolvido nas duas últimas aulas desta Situação de Aprendizagem.

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1982. Trata-se, também, de um manual de história da Filosofia, mais resumido, que também aborda o estoicismo e o epicurismo e traz excertos de textos dos filósofos.

### **Considerações Finais**

Nesta Situação de Aprendizagem, complementamos o estudo da felicidade, abordando-a em suas dimensões pessoal, social e política. Esperamos que, após este percurso, os alunos sintam-se mais preparados e motivados para o exercício crítico e consciente de sua cidadania, objetivo último do ensino de Filosofia no nível médio, reconhecendo-se autenticamente como sujeito de sua história, como agente político capaz de contribuir na construção de uma sociedade mais feliz para todos.